

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

MARIA KAROLINNE RANGEL DE MELLO

**A CONSTRUÇÃO DO ENGAJAMENTO E LUTA POLÍTICA NOS MOVIMENTOS
DE TORCEDORES RUBRO-NEGROS**

VIÇOSA - MINAS GERAIS

2023

MARIA KAROLINNE RANGEL DE MELLO

**A CONSTRUÇÃO DO ENGAJAMENTO E LUTA POLÍTICA NOS MOVIMENTOS
DE TORCEDORES RUBRO-NEGROS**

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa como requisito para a obtenção do título de Bacharela em Ciências Sociais.

Orientador: Dr. Icaro Gabriel da Fonseca Engler

VIÇOSA - MINAS GERAIS

2023

MARIA KAROLINNE RANGEL DE MELLO

**A CONSTRUÇÃO DO ENGAJAMENTO E LUTA POLÍTICA NOS MOVIMENTOS
DE TORCEDORES RUBRO-NEGROS**

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa como requisito para a obtenção do título de Bacharela em Ciências Sociais.

Orientador: Dr. Icaro Gabriel da Fonseca Engler

Avaliador 1 – Prof. Dr. Fabricio Roberto Costa Oliveira (DCS/UFV)

Avaliador 2 - Prof. Dr. Leonardo Barros Soares (DCS/UFV)

Prof. Dr. Icaro Gabriel da Fonseca Engler - Orientador (DCS/UFV)

Dedico este trabalho ao meu querido Vô Jaci (in memorium), o maior vascaíno e contador de prosa que já existiu.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, Alessandra, minha grande inspiração e que desde o início dessa trajetória me incentivou em tudo e nunca largou a minha mão, fazendo além do que podia. Não sei se conseguiria sem o seu apoio sem fim. Nunca conseguirei agradecer o bastante. A minha irmã, Karinne, por toda a torcida durante esses anos e por todos os momentos de acolhimento quando estava em casa. Você foi e sempre será essencial em todas as realizações de minha vida.

Ao meu pai, Ronaldo, agradeço por toda a ajuda e torcida durante essa trajetória. Sendo fundamental para a realização dessa graduação. Além disso, não poderia deixar de fora os agradecimentos por desde pequenininha ter despertado a minha curiosidade com aquela carteirinha antiga de membro da Raça Rubro-Negra que ficava em sua carteira.

Aos meus dois grandes amores, Vó Maria e Tia Jura, por sempre serem para mim como mães. Nunca vou conseguir agradecer tudo que vocês fizeram por mim e o quão importante são em minha vida. A toda a minha família pelo apoio e torcida. Em especial, Tia Lena, Vó Lucilia, Tia Angélica, Miguel, Gabriel, Mariana, meu padrasto, Marcelo, meu muitíssimo obrigada a todos vocês. Agradeço aos meus queridos primos, Letícia, Matheus e Henrique que sempre são a minha alegria quando volto para a casa.

Ao meu companheiro, Matheus, por todo apoio incondicional, paciência, cuidado e afeto que você compartilhou comigo durante a elaboração deste trabalho. Tornando essa caminhada mais leve, assim como é trilhar essa vida com você do meu lado.

Aos meus amigos Ludymilla, Carina, Luciana e Warley por estarem ao meu lado desde a primeira semana de aula. Ao restante da minha panelinha, Ingrid, Julia, Gianini e Pio, não imagino essa trajetória sem ter vocês para compartilhar todos as fofocas, medos e alegrias dessa vida. As minhas amigadas de república: Rapha, Júlia, Ivana, Carol, Thais, Agatha e Tamires, obrigada por todos os momentos juntas. Aos meus amigos estagiários do Edmundo Lins por tornarem as minhas tardes mais divertidas e menos cansativas.

Ao meu orientador Icaro por todo o apoio e incentivo desde as primeiras reuniões. Obrigada por sempre acreditar em mim e na minha capacidade, mesmo em momentos que nem eu mesma acreditei. Por fim, estendo esse agradecimento à professora Rayza Sarmiento por ser uma grande inspiração e por ter me permitido trabalhar com o tema deste trabalho pela primeira vez em sua disciplina.

*Na fronteira de um oásis
Meu coração em paz se abalou
É surpresa demais que trazes
Ainda bem que eu sou Flamengo
Mesmo quando ele não vai bem
Algo me diz em rubro-negro
Que sofrimento leva além.
Não existe amor sem medo.*

(Djavan)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo verificar se as torcidas de futebol no Brasil podem ser compreendidas como importante representação política dentro e fora das arquibancadas, tendo os torcedores do Flamengo como público alvo. Através de uma análise da construção de identidades individuais e coletivas presentes em sua trajetória foi possível observar o valor desses atores para a luta política, fazendo-se presente desde os anos 80 até os dias atuais com os novos movimentos de torcedores. Por meio de uma ressignificação da forma de torcer, tais grupos se assemelham aos movimentos sociais devido suas formas de atuação e ferramentas. A partir de uma análise documental de três décadas da Revista Placar, compreendeu-se por meio de uma construção histórico social das torcidas organizadas do Flamengo que tal atuação política sempre existiu, tendo a torcida Fla-Diretas como exemplo, juntamente com outros aspectos que cerceiam as torcidas organizadas até os dias atuais, como: marginalização, sociabilidades e disputas de gênero. Evidenciando a enorme importância da seção Camisa 12 ao se tornar um espaço para o compartilhamento de identidades entre seus leitores. Além disso, através de entrevistas estruturadas com membros dos novos movimentos de torcedores foi identificadas as suas semelhanças com os movimentos sociais a partir da própria assimilação dos entrevistados. Evidenciando o papel da internet e redes sociais para o ativismo do grupo foi possível perceber por suas motivações, trajetórias, organizações e disparidades das torcidas organizadas tradicionais. A partir dos resultados adquiridos, conclui-se que as torcidas organizadas e os novos movimentos de torcedores precisam de maior diálogo entre eles, reconhecendo a importância de uma maior orientação política entre eles tanto para suas próprias representações, mas também para exibir demandas em um setor da sociedade que não é reconhecido como sério o bastante para se tornar um ambiente político: as arquibancadas.

Palavras-chave: Torcidas organizadas; Representação Política; Identidades Coletivas.

ABSTRACT

This work aims to verify if soccer fans in Brazil can be understood as an important political representation inside and outside the stands, having Flamengo fans as the target audience. Through an analysis of the construction of individual and collective identities present in their trajectory, it was possible to observe the value of these actors for the political struggle, being present from the 80's to the present day with the new fan movements. Through a redefinition of the way of cheering, such groups resemble social movements due to their ways of acting and tools. From a documentary analysis of three decades of Revista Placar, it was understood through a social historical construction of the organized Flamengo supporters that such political action has always existed, with the Fla-Diretas supporters as an example, along with other aspects that restrict the organized crowds to the present day, such as: marginalization, sociability and gender disputes. Evidencing the enormous importance of the Camisa 12 section in becoming a space for the sharing of identities among its readers. In addition, through structured interviews with members of the new fan movements, their similarities with social movements were identified based on the assimilation of the interviewees. Evidencing the role of the internet and social networks for the activism of the group, it was possible to go through their motivations, trajectories, organizations and disparities of the traditional organized supporters. From the acquired results, it is concluded that the organized supporters and the new movements of supporters need greater dialogue between them, recognizing the importance of a greater political orientation between them, both for their own representations, but also to display demands in a sector of society that is not recognized as serious enough to become a political environment: the bleachers.

Keywords: Organized Supporters; Political Representation; Collective Identities.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa da edição 726 com o jogador Pelé utilizando uma camisa em apoio a campanha Diretas Já	23
Figura 2 - Matéria “A Tancredada do Fla” em referência a eleição de Tancredo Neves e Paulo Maluf na edição 749	24
Figura 3 - Figura 4 - Matéria sobre o posicionamento político dos jogadores e torcedores na edição 715	24
Figura 4 - Jaime de Carvalho em uma matéria sobre os torcedores na edição 357	27
Figura 5 - Logotipo oficial da Torcida Jovem do Flamengo.....	34
Figura 6 - Logotipo oficial da Raça Rubro-Negra	36
Figura 7 - Logotipo oficial do Flamengo da Gente	38
Figura 8 - Democracia Rubro-Negra nas manifestações contra o Governo Bolsonaro no Rio de Janeiro, em maio de 2021	40
Figura 9 - Publicação da Nação 12 contra a candidatura de Jair Bolsonaro em 2018	41
Figura 10 - Capa da matéria “A Verde e Rosa é Rubro Negra” na edição 722	48
Figura 11 - Campanha pela paz nos estádios com o jogador Zico	50
Figura 12 - Matéria sobre a torcida rubro-negra na edição 623	53
Figura 13 - Discussão sobre racismo na edição 55	56
Figura 14 - Fla-Diretas na edição 726	58
Figura 15 - Quadro com a identificação de todas as torcidas organizadas encontradas nas edições analisadas	63
Figura 16 - Quadro com a apresentação dos entrevistados e suas respectivas torcidas	64

GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número de edições da Revista Placar lançadas entre as décadas de 70, 80 e 90	44
Gráfico 2 - Categorização dos dados encontrados nas revistas entre os temas: violência, rivalidade, teor político, festividades e laços sociais	45
Gráfico 3 - Categorização dos dados encontrados nas revistas entre os temas: organização, protagonismo feminino, clube mais querido do Brasil, Camisa 12 e torcidas organizadas	46

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

ALERJ - Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro
ANATORG - Associação Nacional de Torcidas Organizadas
ASTORJ - Associação de Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro
ATORFLA - Associação de Torcidas Organizadas do Flamengo
BEPE - Batalhão Especializado em Policiamento em Estádios
FdG - Flamengo da Gente
FTORJ - Federação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro
FLANTIFA - Flamengo Antifascista
GEFuT - Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas
LEME - Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte
N12 - Nação 12
RRN - Raça Rubro-Negra
TAU - Torcidas Antifascistas Unidas
TJF - Torcida Jovem do Flamengo
TOs - Torcidas Organizadas

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
3. METODOLOGIA.....	21
4. “NADA DO FLAMENGO, TUDO PELO FLAMENGO”: AS TORCIDAS ORGANIZADAS DO CLUBE DE REGATAS DO FLAMENGO.....	25
1.1 DE UM MERO ESPECTADOR A TORCIDA ORGANIZADA.....	25
1.2 AS TORCIDAS ORGANIZADAS DO FLAMENGO.....	31
1.2.1 CHARANGA DO FLAMENGO.....	31
1.2.2 TORCIDA JOVEM DO FLAMENGO.....	33
1.2.3 RAÇA RUBRO-NEGRA.....	35
1.3 OS NOVOS MOVIMENTOS DE TORCEDORES.....	38
1.3.1 FLAMENGO DA GENTE.....	38
1.3.2 FLAMENGO ANTIFASCISTA E A DEMOCRACIA RUBRO-NEGRA.....	39
1.3.3 NAÇÃO 12.....	40
1.4 TORCIDAS ORGANIZADAS E POLÍTICA SE MISTURAM?.....	41
5. ANÁLISE.....	43
5.1 REVISTA PLACAR.....	43
5.1.1 PROTAGONISMO FEMINININO.....	46
5.1.2 VIOLÊNCIA.....	48
5.1.3 FESTIVIDADE.....	50
5.1.4 CLUBE MAIS QUERIDO DO BRASIL.....	52
5.1.5 CAMISA 12.....	54
5.1.6 TEOR POLÍTICO.....	56
5.1.7 RIVALIDADE.....	59
5.1.8 LAÇOS SOCIAIS.....	60
5.1.9 ORGANIZAÇÃO.....	62
5.1.10 TORCIDAS ORGANIZADAS.....	62
5.2 ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS.....	64

6. CONCLUSÃO.....	70
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	73
ANEXO A - ROTEIRO DE ENTREVISTA REALIZADA COM OS TORCEDORES...	77

1. INTRODUÇÃO

Há quem diga que futebol e política não se misturam, mas a história nos mostra o contrário. Em diversos períodos, manifestações políticas saíram das quatro linhas e tiveram efeito em toda a sociedade. Jogadores, clubes e dirigentes já foram importantes atores nesse processo, mas existem também determinadas figuras que são de grande valor nessa luta constante: as torcidas organizadas. Este assunto, dentro do contexto desta pesquisa, ainda carece de um maior aprofundamento bibliográfico. Para entendê-las nos dias atuais é necessário buscar formas de abordá-las em toda sua história, fugindo do seu estigma de violência. Essa marginalização sofrida acaba apagando um importante aspecto das torcidas organizadas: serem um meio de expressão da sociedade.

Os torcedores se fizeram presente em boa parte da trajetória do futebol no Brasil, desde o início do século XX, onde os jogos eram frequentados por uma elite que utilizava suas vestimentas de gala para assistir as partidas. Sendo compreendido como uma possibilidade do lazer, tal manifestação, transforma as sociabilidades envolvidas entre os indivíduos gerando um pertencimento clubístico através dessas formas de torcer (CAMPOS, 2010). Essa forma de manifestação cultural no futebol ganhou novos sentidos durante o passar das décadas, se popularizando entre toda a população e inserindo-se cada vez mais no imaginário brasileiro. Segundo o jornalista Irlan Simões Santos (2017, p. 142),

existem diferentes perfis dentro do corpo daquilo que chamamos de torcida do clube, e entender isso se faz muito importante para introduzir a discussão sobre a formação dos movimentos de torcedores. Esses diferentes níveis ou padrões de comportamento entre um indivíduo e um clube podem coexistir de infinitas formas dentro de uma mesma instituição, e se mostram em constante mutação.

Nesse ambiente, primeiramente, surgiram as torcidas uniformizadas com propósitos de levar esse sentimento para o campo, auxiliando o seu time, ganhando novos sentidos e reafirmando seu importante papel dentro das arquibancadas. Alguns anos mais tarde, surgiram as necessidades de ter uma liderança coordenando e animando os milhares de torcedores e, assim, surgiram os primeiros chefes de torcida. Bernardo Buarque de Hollanda (2008, p.10), define-os como indivíduos que se destacavam por serem carismáticos e portadores de uma liderança que influenciava a todos. Para o autor, essa influência não fica só entre os torcedores, mas também pode ser vista dentro do clube por manterem uma boa relação com os dirigentes, políticos e também com o meio jornalístico.

Esse lugar carismático durou até a virada dos anos 60 quando o perfil dos torcedores começou a mudar e os chefes de torcida passaram a perder sua influência, criando rupturas

entre os torcedores que motivaram a criação de outros agrupamentos de torcedores (HOLLANDA, 2008). Esses novos grupos iniciam sua trajetória buscando construir novas identidades a partir de um perfil mais contestador, além de continuar com o desejo de apoiar seu time incondicionalmente.

Sendo assim, no final dos anos 60, surgem as torcidas "jovens" formada por ex membros das charangas¹ e por estudantes ligados ao movimento estudantil. Essas torcidas traziam um perfil mais politizado e contestador para as arquibancadas e suas primeiras formações foram vistas através da Torcida Jovem do Flamengo, Young Flu e Torcida Jovem do Vasco. Logo, ocuparam as arquibancadas com propósitos que iam além de animar a torcida durante os 90 minutos de jogo, por meio de novos ideais progressistas e revolucionários para a época (HOLLANDA, 2008). Logo, buscavam representar não apenas os seus times, mas também construir uma oposição diante das mazelas que afligiam a sociedade.

Dessa forma, ressignificando a forma de torcer passaram a estar em constantes ligações com problemas do cotidiano. Além disso, lutam contra a marginalização que está enraizada em sua história. Através dessa imposição, figuras tidas como excluídas dentro de uma sociedade que ainda percebe o futebol como ópio do povo estão em contínua atuação para demonstrar que o futebol vai muito além de um momento de lazer para a sociedade ou um sentimento que move massas, mas que também se apresenta como meio de manifestação e insatisfação política.

Além disso, existe um movimento dentro das próprias organizadas que estão se juntando para lutar contra práticas racistas, homofóbicas e machistas dentro das arquibancadas. Construindo um espaço social no qual o futebol deve estar aberto a todos. Toda essa mobilização não é de hoje, exemplos como a Coligay², em 1977, a primeira torcida organizada LGBT do Brasil, demonstrou que essas pautas dentro do futebol sempre existiram.

O período de ditadura militar coincide com o momento de criação das principais torcidas organizadas que se tem até os dias atuais, não sendo apenas uma coincidência. Nesse sentido, não só as grandes torcidas organizadas, mas também ocorreu a criação e atuação de movimentos de torcedores ligados a causa de redemocratização do país. A Democracia Corinthiana e a Fla-Diretas são dois exemplos de luta política e participação ativa na luta pela democracia. Partindo disso, é necessário identificar quais suas formas de engajamento e como

¹ Grupo de torcedores que frequentam as arquibancadas com instrumentos de sopro, metal e percussão. Incentivando o seu time de coração e se configurando como uma orquestra musical (HOLLANDA, 2007).

² Torcida Organizada do Grêmio, criada por Valmor Santos, que se fez presente nas arquibancadas durante os anos de 1977 a 1983.

ele é constituído, tanto antigamente quanto na atualidade. Através desse entendimento é possível identificar suas semelhanças com os movimentos sociais, sendo caracterizados como “formas de organização e articulação baseadas em um conjunto de interesses e valores comuns, com o objetivo de definir e orientar as formas de atuação social” (MACHADO, 2007, p.252).

Através de uma análise da construção de identidades individuais e coletivas presentes em sua trajetória será compreendido o valor desses atores para a luta política. Ou seja, que as torcidas organizadas, enquanto parte representativa de um todo social, possuem relações com o engajamento e com a luta política, bem como é possível verificar posicionamentos favoráveis e em defesa da democracia. Sendo que estes aspectos podem ser verificados desde o surgimento das torcidas organizadas no país, em um período de ditadura militar, até nos pequenos coletivos que atuam de maneira politizada nas redes sociais e nas arquibancadas como foi observado nas manifestações³ em diversas capitais do Brasil em maio de 2020. Os coletivos de torcedores são compreendidos como a união entre a torcida por algum time e um projeto político com pautas referentes a estruturas de poder presentes na sociedade (GOMES, 2020).

É necessário ressaltar que esse tema sempre foi um interesse de quem escreve, desde pequena se interessando pela arte do futebol e pela beleza das torcidas nas arquibancadas. Mesmo não fazendo parte de nenhum grupo citado neste trabalho, encontra neles uma oportunidade de construir um futebol mais humano, popular e democrático para os torcedores. O desejo de pesquisar sobre as mobilizações dentro do movimento dos torcedores veio através de um trabalho da disciplina CIS412 - Movimentos Sociais, ministrada pela professora Rayza Sarmiento. Desde então, a temática nunca saiu de minha cabeça e se tornou uma vontade a ser trilhada, juntamente com o foco da pesquisa sendo o Clube de Regatas do Flamengo e seus movimentos de torcedores rubro-negros.

Buscando demonstrar que as pautas democráticas andam junto com a trajetória do time mais querido do Brasil, de acordo com o último levantamento⁴ da consultoria Convocados e XP Investimentos, em junho de 2022. Além disso, essa vontade está atrelada a falta de bibliografia sobre o Flamengo e o engajamento político, principalmente em relação ao movimento de torcidas. Quando se pensa em futebol e ditadura, uma das principais coisas que

³ Os torcedores de diversas organizadas protagonizaram manifestações em todo o país em defesa da democracia em 2020 e 2021.

⁴ MATOS, José Edgar. Flamengo segue líder em nova pesquisa sobre tamanho das torcidas. **GE**, 14 jun. 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/futebol/noticia/2022/06/14/flamengo-segue-lider-em-nova-pesquisa-sobre-tamanho-das-torcidas-veja-ranking.ghml> Acesso em: 20 jul. 2022.

virá à cabeça está a Democracia Corinthiana, mas os torcedores rugro-negros também estavam ali o tempo todo, atuando com o Fla-Diretas e outros grupos. Falar sobre essas mobilizações no passado é importante para compreender as lutas que as torcidas organizadas estão envolvidas nos dias atuais, evidenciando o papel da história para a reinvenção do princípio de torcer.

Além disso, o caso torcedores do Flamengo é relevante devido a como o clube abandonou sua origem⁵ elitista e se afirmou como um time do povo, fazendo com que os seus torcedores se identificassem com sua história e símbolos. Sendo este processo de grande importância, pois “as identidades sociais que configuram os adeptos da instituição desportiva mais popular do país são construções históricas, passíveis de redefinições e contribuem para a interpretação dos códigos culturais que circulam no imaginário político brasileiro” (COUTINHO, 2019, p.14). Dessa forma, estudar a relação entre o fenômeno futebol e suas representações na sociedade retratada pela atuação política dos torcedores é de suma importância dentro das Ciências Sociais. Podendo contribuir para os estudos do futebol, auxiliando na interpretação dos torcedores como importantes agentes políticos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Sendo o futebol identificado como representação do lazer, é parte integrante da sociedade, difundindo-se entre diversas práticas, como jogar e torcer, construindo-se como um referencial de lazer entre as diferentes classes (SOUSA;ABRAHÃO, 2022). Dessa forma, se faz presente além do campo, assumindo múltiplas possibilidades de práticas sociais que envolvem diversos indivíduos. Caminhar pelas inúmeras abordagens sobre o futebol e torcidas organizadas ajudam a compreender os espaços adquiridos pelos torcedores nesse ambiente durante as décadas, suas abordagens e transformações no torcer.

Primeiramente, na visão de Christiane Luce Gomes (2004), o conceito de lazer é observado a partir de quatro elementos, sendo eles: tempo, espaço-lugar, manifestações culturais e ações. Apresentando-se em diversas dimensões da vida dos indivíduos. Dessa forma, a definição do lazer para essa autora pode ser entendida como “uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo” (GOMES, 2004, p.125).

⁵ O clube nasceu na zona sul do Rio de Janeiro, em 1895, a partir do seu time de remo. Nesse período, esportes náuticos eram compreendidos como o desporto da jovem elite carioca.

De tal maneira, podemos compreender que o futebol se configura como uma das dimensões do lazer e uma das maiores práticas culturais do país, onde os torcedores ocupam uma importante posição. Segundo (SOUSA; ABRAHÃO, 2022, p.83),

o torcedor desponta como um dos seus protagonistas, responsável por tomar as arquibancadas, parte fundamental do espetáculo futebolístico". Assim, cria-se a experiência do pertencimento clubístico, aquela que cria sentimentos de vínculos afetivos e de emoção entre os torcedores e os clubes pelos quais torcem.

O antropólogo Roberto DaMatta escreveu em 1982 uma das principais obras para compreender os efeitos do futebol em nós brasileiros. “O Universo do Futebol” foge de estudos que até o momento colocavam o futebol como algo indiferente à sociedade, a famosa interpretação do futebol como ópio do povo. DaMatta, analisa esses dois pontos como sendo ligados um no outro. Exercendo um importante papel para os indivíduos, pois através desse esporte é que eles conseguem expressar sua identidade nacional. Segundo ele: “o futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo tão específico, entre outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir” (DAMATTA, 1982, p.21).

Essa análise foi construída a partir de uma interpretação do evento futebolístico sob as lentes do conceito de dramatização, envolvendo símbolos e rituais que abrangem formas de manifestação nas quatro linhas. Uma dessas formas de manifestação, segundo DaMatta, é observada na relação entre o futebol e a política. Não sendo possível de serem observadas separadamente, devido ao fato do futebol estar o tempo todo ligado a problemas da vida cotidiana. Além de ser um importante espaço de socialização entre os indivíduos.

Corroborando deste pressuposto, Norbert Elias e Eric Dunning (1992) apresentaram em “Memória e sociedade: a busca da excitação” importantes discussões sobre sociabilidade e lazer em diferentes âmbitos da sociedade. Para eles, o futebol e as arquibancadas se configuram como importante atividade para a identificação de uma moral coletiva que tem como características o reconhecimento do outro, criação de laços sociais, afloramento de sentimentos e alívio de tensões recorrentes da privação das emoções em esferas de não lazer. Onde os indivíduos devem estar constantemente atendendo normas de conduta referentes a um controle social que contém as excitações dos indivíduos.

Para isso, buscaram compreender o papel do futebol e do espetáculo esportivo para a sociedade através de uma análise das torcidas organizadas da Inglaterra, exercendo grande influência na marginalização sofrida pelas torcidas organizadas em todo o mundo. Parte dessa marginalização é explicada pelos autores, identificando na violência e outros problemas existentes no mundo esportivo como uma forma dos indivíduos colocarem para fora todos os

problemas advindos de repressões que existem do lado de fora dos estádios. Dessa forma, enxergam no futebol uma oportunidade de manifestação das masculinidades.

Juntamente com a percepção do espetáculo futebolística, está o processo de associativismo que se faz presente entre os torcedores no Brasil. Bernardo Buarque de Hollanda e Rosa Teixeira (2021) analisaram quais os desafios se fazem presentes nesses grupos e em suas representações. Para isso, traçaram uma trajetória das torcidas organizadas e sua influência no futebol nacional desde o processo de profissionalismo nos anos 30 atrelado com os ideais de nacionalismo brasileiro. Identificando o poder dos símbolos (camisa, bandeiras, hinos) para a criação de uma identidade comum, identificando-se como um ambiente de interação social entre os torcedores e seus sentimentos (GUTTERMAN, 2010). Perpassam também pelos dilemas que marcam esses grupos, como sua luta contra a marginalização que sofrem há décadas.

Além disso, colocam em evidência os seus desejos por organização e institucionalização, sendo exemplificados na criação de entidades representativas como a Federação das Torcidas Organizadas do RJ (FTORJ) e Associação Nacional das Torcidas Organizadas (ANATORG). Ambas possuem propósitos que vão além de uma representação, fazendo com que o associativismo torcedor ande atrelado a um viés político e de mudança através do diálogo entre as torcidas. Buscando capacitar os torcedores e, principalmente, as lideranças. Dessa forma, essa análise torna-se essencial para a construção do engajamento e luta política nos movimentos de torcidas organizadas no Brasil.

Ao discorrer sobre a sociologia do engajamento militante, os franceses Frédéric Sawicki e Johanna Siméant (2011) apresentam importantes informações sobre o engajamento político e novas formas de militância. Partindo de uma análise das transformações que ocorreram nos estudos sobre o tema, ressaltam o papel dos vínculos sociais na formação política dos indivíduos. Esse traço é também característico dentro das torcidas organizadas, onde a inserção dos torcedores é feita por influência de familiares ou amigos (LOPES; CORDEIRO, 2010). Apresenta também o ponto de relevância que está presente nas trocas de experiências entre eles, sendo importante para a afirmação de um sentimento de pertencimento (SAWICKI; SIMÉANT, 2011).

Nesse processo, Machado (2007) ajuda a compreender os novos movimentos sociais e suas formas de atuação. Evidenciando o papel da internet como instrumento de multiplicidade do movimento, adquirindo novas possibilidades de atuação e mobilização. Para ele, “a rede se converteu em um espaço público fundamental para o fortalecimento das demandas dos atores

sociais para ampliar o alcance de suas ações e desenvolver estratégias de luta mais eficazes.” (MACHADO, 2007, p.268).

O poder das redes sociais para o ativismo é apresentado por Nathalia Cerqueira (2020) através de uma vasta análise sobre o ativismo online de grupos de torcedores antifascistas durante as eleições presidenciais de 2018. Os torcedores antifascistas fazem parte de um novo princípio de torcer, tendo o início nas arquibancadas brasileiras apenas em 2004. Buscando identificar quais as ferramentas utilizadas por estes grupos no âmbito digital, também trabalha com uma comparação entre essa nova militância e os movimentos sociais. Essa ligação poderia ser identificada através do “potencial de organização em prol de uma causa política faz com que estas torcidas apresentem, de alguma forma, paridades com o que se entende por movimentos sociais”(CERQUEIRA, 2020, p,10). Através deste trabalho é possível pensar nas atuações atuais das torcidas organizadas, compreendendo como utilizam das redes sociais como importante ferramenta de mobilização. Além disso, compreender também as novas formas de torcer e como se dá a mobilização dos torcedores em processos políticos recentes.

Lopes (2023) ao discutir sobre os estudos críticos referentes ao ativismo no futebol e entre torcedores, apresenta alguns apontamentos sobre as manifestações que ocorreram em 2020 onde os torcedores de futebol foram protagonistas e utilizaram as redes sociais como principal ferramenta. A partir disso discorre sobre a formação de coletivos de torcedores que ganharam força na segunda década do século XXI diante de um processo de reconfiguração dos movimentos sociais. Segundo o autor, os coletivos de torcedores podem ser definidos em cinco tipos:

1 – aqueles que buscam intervir nas pautas mais diretamente ligadas à política interna dos clubes; 2 – aqueles que privilegiam as pautas do enfrentamento do racismo, da LGBTQIA+fobia e do sexismo no futebol; 3 – aqueles que participam da militância e do circuito antifascista autônomo e global; 4 – aqueles que se identificam com projetos do campo progressista em geral, com uma atuação mais voltada aos ambientes da “esquerda institucionalizada” (ZARAMELLA, 2022) e 5 – aqueles que se identificam com esses projetos e são vinculados, de alguma forma, às torcidas organizadas (LOPES, 2023, p.60).

O sociólogo espanhol Manuel Castells (2017) ao analisar os aspectos que circundam os movimentos sociais na contemporaneidade, evidencia o importante papel da internet e das redes sociais para os indivíduos diante da transformação da sociedade em rede. Segundo ele, esses movimentos apresentam diversas características, como: conexão em rede através de múltiplas maneiras de manifestação, possibilidade de serem simultaneamente locais e globais e ser espaço de garantia de autonomia entre os sujeitos. Além de serem virais, autorreflexivos, e guiadas pelos sentimentos de companheirismo, cooperação e solidariedade que alimenta a esperança dos indivíduos (CASTELLS, 2017). Sobre a criação desses movimentos, “são

amplamente espontâneos em sua origem, geralmente desencadeados por uma centelha de indignação, seja relacionada a um evento específico, seja a um acesso de aversão pelas ações dos governantes” (CASTELLS, 2017, p. 130). Nesse processo, enfatiza a importância das redes de comunicação para a inserção desses movimentos no espaço urbano através de novas possibilidades de mobilização e organização. Dessa forma, enxerga nas redes sociais a configuração da sociedade atual, onde

são amplamente constituídos de indivíduos que convivem confortavelmente com as tecnologias digitais no mundo híbrido da realidade virtual. Seus valores, objetivos e estilo organizacional referem-se diretamente à cultura da autonomia que caracteriza as novas gerações de um novo século. Não poderiam existir sem a internet. Mas seu significado é muito mais profundo. Eles são talhados para o papel de agentes da mudança na sociedade em rede, num contraste agudo com as instituições políticas obsoletas herdadas de uma estrutura historicamente superada (CASTELLS, 2017, p.137).

Dentro dessa compreensão é necessário realizar um mapeamento da trajetória da teoria dos movimentos sociais, abrangendo todas as mudanças que permeiam o ativismo até chegar na atualidade. Angela Alonso (2009) possui uma grande obra sobre as teorias dos movimentos sociais, focando em três principais teorias do século vinte: mobilização de recursos, processo político e novos movimentos sociais. Além disso, a obra *As teorias dos movimentos sociais: um balanço de debate* também ajuda a refletir sobre onde se encontram os grupos de mobilização política em meio às transformações ocorridas na contemporaneidade. Compreendendo como isto afetou as três teorias já apresentadas, focando nas perspectivas de cultura e globalização. Nessa perspectiva é possível compreender os novos movimentos sociais e suas novas formas de atuação.

Já Alberto Melucci (1989) pode ser usado para pensar nas afinidades presentes entre os movimentos sociais e mobilizações dentro do futebol. Ao refletir sobre o surgimento de novos fenômenos coletivos e se podem ser considerados movimentos ou não, os denomina como redes de movimentos capazes de criar identidades coletivas unindo diversos indivíduos em uma causa comum. Essa compreensão é marcada por três aspectos: solidariedade, conflito e ruptura com esferas da própria ação coletiva. Tudo isso é muito observado dentro do esporte e, principalmente, dentro das arquibancadas. O futebol como meio de socialização faz com que os indivíduos encontrem nesse ambiente um lugar para a construção de identidades, compartilhamento de sentimentos e atuem juntos em prol de suas paixões.

Segundo Melucci (1989, p.62), existe também dentro desses novos movimentos sociais uma mudança nas formas tradicionais de mobilização. Nesse novo ambiente se observa uma maior autonomia, possibilitando que “movimentos contemporâneos pratiquem no presente a mudança pela qual eles estão lutando: eles redefinem o significado da ação

social para o conjunto da sociedade” (MELUCCI, 1989, p.62). Dessa forma, os trabalhos de Melucci e Alonso são uma luz para compreender como o movimento de torcidas organizadas podem ser lidos sob as lentes das teorias de movimentos sociais. Identificando as semelhanças e elementos do ativismo que podem ser identificados dentro desses grupos.

3. METODOLOGIA

Através de uma pesquisa bibliográfica da Revista Placar, a maior⁶ revista brasileira sobre futebol, buscou-se analisar suas formas de abordagem quando se refere ao movimento de torcedores, retratando sua trajetória desde a década de 70 até o fim dos anos 90. Segundo Severino (2007, p.109), a pesquisa documental, “tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações e documentos legais. Nestes casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima” (SEVERINO, 2007, p.109).

Dessa forma, essa pesquisa se deu através das 1518 edições lançadas durante o período escolhido, onde as palavras chaves de pesquisa foram: torcedores, rubro-negro, Flamengo, política, diretas já, manifestação, torcida organizada. Nessa análise documental, buscou-se identificar quais as atuações dos torcedores do Flamengo e como eles se transformam durante os anos, ganhando novos sentidos. Além disso, com auxílio da bibliografia pertinente sobre o tema, entender as raízes da marginalização das TOs e como esses indivíduos lutam contra essa exclusão. É de grande valor também, abordar quais são suas principais ferramentas de engajamento e como se aplicam em suas representações políticas.

Juntamente, serão realizadas entrevistas semi-estruturadas com membros desses grupos, focando em movimentos atuais de torcedores: os coletivos. Este método é definido como “entrevistas cujos temas são particularizados e as questões (abertas) preparadas antecipadamente, mas com plena liberdade quanto à retirada eventual de algumas perguntas, a ordem em que essas perguntas estão colocadas e ao acréscimo de perguntas improvisadas” (LAVILLE; DIONNE, 199, p.188). O objetivo dessa pesquisa é descobrir suas motivações, trajetórias e instrumentos, principalmente devido às mudanças de papéis nos anos mais recentes como consequência do advento da internet e suas formas de engajamento. Dessa forma, entender de quais formas se difundem na reinvenção do princípio de torcer presente

⁶ Tal afirmação é levantada pela Editora Abril em sua página de acervos no Google Books. Disponível em: https://books.google.com/books/about/Placar_Magazine.html?id=L5CwOs59tV8C Acesso em: 22.out. 2022.

dentro desses novos movimentos de torcedores. Por fim, em que pontos se assemelham aos movimentos sociais. Buscando responder a pergunta já levantada por Bernardo Buarque de Hollanda (2018): Podem as torcidas de futebol serem movimentos sociais?

- A REVISTA PLACAR E OS TORCEDORES DE FUTEBOL

Criada em março de 1970 pela Editora Abril como forma de disputar o monopólio do jornalismo esportivo do periódico carioca *Jornal dos Sports*⁷, a Revista Placar ao longo dos anos da década de setenta se consolidou como a revista esportiva de maior circulação no país (ROCCO JUNIOR, 2014). Com suas edições semanais e edições comemorativas, publicava ao longo do ano centenas de capas. Sua estrutura é composta por diversas colunas escritas por diversos jornalistas influentes que passaram por sua trajetória, como Juca Kfourri, Luis Fernando Veríssimo e Marcelo Rezende. Também é conhecida por suas outras seções: Sem Pulo; Garoto da Placar; Tabela; Camisa 12; Abrindo o Jogo; Opinião Placar; Bolão da Loteria. Entre suas principais publicações estão as edições 23 e 648, onde demonstram o caráter investigativo da revista expondo os casos de corrupção entre os famosos cartolas do futebol e da máfia da loteria esportiva.

Ao longo de seus 53 anos passou por diversas transformações, entre elas podemos citar a inserção de um teor crítico em suas publicações nos anos 80 e uma abertura para outros esportes em suas páginas que antes eram predominantemente sobre futebol. Essa mudança ocorreu gradualmente quando o jornalista esportivo e cientista social Juca Kfourri assumiu o posto de diretor de redação na revista. Além disso, no início dos anos 90 ocorreu a transformação de suas publicações semanais para mensais devido a uma crise financeira que atingiu a Editora Abril.

Um outro marco em sua trajetória foram os concursos levantados pela revista que moviam milhares de leitores ao longo do Brasil. *Qual a torcida mais querida do Brasil?* e *Qual o craque do ano?* são exemplos de momentos em que os torcedores se viam num lugar de decisão dentro da torcida, realizando campanhas para incentivar os torcedores a votar. Enviando seus votos através de cartas para a caixa postal da revista e acompanhando a atualização do ranking em suas edições seguintes. Um segundo protagonismo configurado aos torcedores pode ser observado através da seção Camisa 12, onde por meio de sua famosa caixa postal 2372 recebia correspondência de torcedores de todo o mundo e possibilita a troca de vínculos entre eles.

⁷ Em março de 1931 foi criado o *Jornal dos Sports*, no Rio de Janeiro, conhecido nacionalmente através de suas famosas folhas cor de rosa e por conter uma figura ilustre do jornalismo esportivo como proprietário, o jornalista Mário Rodrigues Filho.

Nesse ambiente, as torcidas organizadas aproveitavam para divulgar-se de diferentes formas: anunciando sua criação ou a inscrição de novos membros, divulgar seus produtos, criando vínculos com outras TOs e utilizando do seu papel de torcedor para discordar sobre alguma ação do clube. Dessa forma, através do acesso aos leitores/torcedores de todo país, divulgava suas ações e, principalmente, reafirmava a função do futebol como ferramenta de socialização. Sendo possível, dessa forma, criar identidades coletivas compartilhadas entre seus membros.

Além disso, a escolha da revista diante de outros grandes nomes do jornalismo esportivo, como *Jornal dos Sports* e *A Gazeta Esportiva*⁸, se deu devido ao perfil político da revista. Onde, graças ao comando do jornalista Juca Kfourri, engajou-se fortemente nas mobilizações de *Diretas Já*, como pode ser observado na edição 726 que traz o jogador Pelé na capa com uma camisa da campanha da *Diretas Já*. Exemplos são inúmeros que podem ser observados nas páginas da revista durante as décadas de 70 e 80. Além disso, o seu senso crítico pode ser visto em colunas, seções de humor ou em matérias que buscavam identificar de qual lado os jogadores estavam. Dessa forma, pode-se crer que esse perfil auxiliou a reafirmar o espaço destinado aos torcedores, que utilizavam as seções de trocas de cartas para expor suas opiniões para além do mundo esportivo.

Figura 1 - Capa da edição 726 com o jogador Pelé utilizando uma camisa em apoio a campanha *Diretas Já*



Fonte: Revista Placar (1984)

⁸ Periódico esportivo criado em 1928, em São Paulo, durante até 2001.

Figura 2 - Matéria “A Tancredada do Fla” em referência a eleição de Tancredo Neves e Paulo Maluf na edição 749



Fonte: Revista Placar (1984)

Figura 3 - Matéria sobre o posicionamento político dos jogadores e torcedores na edição 715



Fonte: Revista Placar (1984)

- ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

As entrevistas são destinadas a torcedores⁹ membros do Flamengo da Gente e Nação

12. Busca-se descobrir suas motivações, trajetórias e instrumentos, principalmente devido às

⁹ As entrevistas só tiveram início após a aprovação do Conselho de Ética e o recebimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por parte dos entrevistados.

mudanças de papéis nos anos mais recentes como consequência do advento da internet e suas formas de engajamento. Dessa forma, entender de quais formas se difundem na reinvenção do princípio de torcer presente dentro desses novos movimentos de torcedores. Por fim, em que pontos se assemelham aos movimentos sociais. As entrevistas foram realizadas entre os meses de outubro e dezembro de 2022, tendo em média 30 minutos de duração. Inicialmente, buscou-se realiza-las com dois grupos de torcedores: Flamengo da Gente e Flamengo Antifascista, mas devido a incapacidade de comunicação com o segundo grupo foi necessário substituí-lo por uma outra representação de torcedores. O escolhido foi a torcida organizada Nação 12 devido a boa relação do grupo com os movimentos de torcedores estudados e também por se desvincularem do padrão de torcidas organizadas atuais.

Diante disso, foi escolhido um membro do Flamengo da Gente, um membro da Nação 12 e outro membro que participava de ambos. Sendo eles, dois homens e uma mulher. Todos possuem ensino superior e se encontram na faixa etária de 27 a 38 anos. Dois são moradores do Rio de Janeiro e o terceiro reside na região dos lagos do estado fluminense. Seguiu-se o roteiro planejado, mas devido a fluidez da entrevistas outras perguntas foram sendo feitas ao longo do tempo e também os entrevistados se mostraram solícitos em apresentar novos dados para a pesquisa.

4. “NADA DO FLAMENGO, TUDO PELO FLAMENGO”: AS TORCIDAS ORGANIZADAS DO CLUBE DE REGATAS DO FLAMENGO

1.1 DE UM MERO ESPECTADOR A TORCIDA ORGANIZADA

Antes de encantar as arquibancadas de todo o Brasil, os torcedores percorreram uma grande trajetória para que seu protagonismo fosse reconhecido como primordial dentro do esporte mais popular do país. Desde a vinda desse novo esporte ao Brasil em 1894 sob encargo do jovem Charles Miller, a essência elitista do futebol já dava suas caras. Sendo representada pela elite paulista e carioca que assistiam aos jogos calados, sendo noticiados na época pela sua enorme civilização e educação na hora de assistir aos jogos. Só nos anos iniciais do século XX que o futebol foi ganhando raízes em classes mais populares através de iniciativas de fábricas inglesas que permitiam aos seus operários um momento de recreação durante o intervalo¹⁰. Já em relação à questão racial foi só em 1910 com a ascensão do jogador Arthur Friedenreich, filho de pai branco e mãe negra, que esse tema começou a ser

¹⁰ Um dos principais times daquela época foi Bangu Atlético Clube no Rio de Janeiro, em 1904, criado a partir da iniciativa dos trabalhadores da Fábrica Bangu.

debatido. Com a profissionalização em 1930 daquele futebol amador de seus anos iniciais, mudanças também foram sentidas em seu entorno (GUTERMAN, 2009).

Aqueles torcedores e associados conhecidos por sua educação e por acompanharem os jogos com um olhar de espectador foi ganhando um outro sentido quando o esporte se popularizou e atingiu novas camadas populares. Esses novos personagens não iam assistir os jogos apenas para olhar, mas vibrar e reagir aos lances daquela partida (GUTERMAN, 2009). O termo “torcida¹¹” passou a ser utilizado em 1934 através dos concursos de “Competições de Torcidas” realizados pelo Jornal dos Sports, principal jornal esportivo da época, e também com a criação das caravanas. Segundo Coutinho (2019, p.40),

O crescimento das caravanas representou inclusive um marco na diferenciação dos significados atribuídos ao público dos jogos. As experiências de cruzar a cidade em comboio para apoiar os jogadores em campos adversários renderam as primeiras manifestações de exaltação da torcida como fator determinante para o rendimento do time.

Dessa forma, os moldes dos torcedores que conhecemos hoje começaram a ser trilhados na década de 30. Ganhando novos sentidos e reafirmando seu papel importante dentro e fora das arquibancadas. Alguns anos mais tarde, surgiram as necessidades de ter uma liderança coordenando e animando os milhares de torcedores e, assim, surgiram os primeiros chefes de torcida. Bernardo Buarque de Hollanda (2008, p.10) os define como indivíduos que se destacavam por serem carismáticos e portadores de uma liderança que influenciava todos. Essa influência não fica só entre os torcedores, mas também pode ser vista dentro do clube por manterem uma boa relação com os dirigentes, políticos e também com o meio jornalístico. O mais famoso entre eles foi o torcedor ruboro-negro Jaime de Carvalho, fundador da Charanga do Flamengo.

As Charangas podem ser definidas como grupos de torcedores que frequentam as arquibancadas com instrumentos de sopro, metal e percussão. Incentivando o seu time de coração e se configurando como uma orquestra musical (BUARQUE DE HOLLANDA, 2007). A Charanga do Flamengo foi criada em 1942, sendo considerada uma das primeiras torcidas organizadas do país. Seu pioneirismo se dava pela novidade no jeito de torcer, sendo eles: camisas bordadas com as cores de seus times, confecção de faixas colocadas sob o alambrado e criação de coreografias para animar as arquibancadas (BUARQUE DE HOLLANDA, 2008).

¹¹Segundo relatos, o termo torcedor surgiu através de um jornal da época que buscava retratar as mulheres torcedoras que assistiam aos jogos balançando um lenço como forma de incentivar o time, sendo elas identificadas como torcedoras do Fluminense (HOLLANDA, 2018).

Essas inúmeras qualidades faziam com que esses indivíduos se destacassem não só dentro de seus clubes, mas também como chefes de torcida da seleção brasileira. Um exemplo disso foi que Jaime de Carvalho foi convidado a acompanhar a seleção em diversas copas do mundo, evidenciando o seu papel de autoridade entre os torcedores e sendo conhecido na época como o torcedor ideal que era farto de qualidades. É necessário ressaltar que uma delas era a origem simples dos chefes de torcida, o que fazia com que a identificação com torcedores periféricos acontecesse mais fortemente. Tudo fazia com que os chefes de torcida, principalmente o Jaime, se tornassem figurinhas nos jornais e revistas esportivas que sempre o enchiam de elogios em suas páginas. Um exemplo disso é a edição n.357 da Revista Placar que em 1977 ao falar sobre as lideranças das torcidas cariocas em comemoração aos 50 anos do Maracanã evidencia o papel importante de Jaime de Carvalho e a Charanga do Flamengo.

Figura 4 - Jaime de Carvalho em uma matéria sobre os torcedores na edição 357



Fonte: Revista Placar (1977)

Esse lugar carismático durou até a virada dos anos 60 quando o perfil dos torcedores começou a mudar e os chefes de torcida passaram a perder sua influência. A simplicidade dá lugar a ganância e falta de liderança, fazendo com que se crie ruptura entre eles e motivando a criação de outros agrupamentos de torcedores (BUARQUE DE HOLLANDA, 2008). Esses novos grupos iniciam sua trajetória buscando construir novas identidades e formas de identificação entre eles a partir de um perfil mais contestador, além de continuar com o desejo de apoiar seu time incondicionalmente. Para entender a inserção desse novo personagem é necessário, primeiramente, percorrer pelo contexto histórico da época.

Os anos 60 foram marcados pelos períodos iniciais da ditadura militar após o golpe de 64, “boom” dos movimentos sociais ao longo do mundo e a mudança de perfil dos jovens que ganharam um maior protagonismo em suas decisões. Segundo Buarque de Hollanda (2008, p.171), “a cultura jovem tão propalada pelos meios de comunicação lograva visibilidade e magnitude internacional ao projetar uma série de valores e padrões de sociabilidade autodiferenciados”. Um dos movimentos onde a voz dos jovens ganhava força era através dos movimentos estudantis que durante todo o período ditatorial formavam grande resistência e exerceram um importante papel político. Nesse período, a luta dos estudantes também encontrou lugar nas arquibancadas.

As torcidas “jovens” surgiram no fim dos anos 60 pela formação de ex-membros das charangas e também por torcedores que faziam parte de movimentos estudantis, trazendo um perfil mais politizado e contestador para as arquibancadas (BUARQUE DE HOLLANDA, 2008). As primeiras manifestações através das torcidas foram vistas através da Torcida Jovem do Flamengo, ou Jovem Fla, Torcida Jovem do Santos, Young Flu e Torcida Força Jovem do Vasco. Logo, ocuparam as arquibancadas com propósitos que iam além de animar a torcida durante os 90 minutos de jogo. Passaram a ocupar as ruas para protestar contra dirigentes, jogadores e também contra o preço dos ingressos. Uma outra característica das torcidas nesse período era a sua boa relação com outros setores da sociedade, como a música. Torcedores eram constantemente vistos em blocos de carnaval e escolas de samba, unindo duas paixões da população brasileira (BUARQUE DE HOLLANDA, 2008).

Após anos de tranquilidade que se deram também através de outras torcidas organizadas, como: Mancha Verde (Palmeiras), Raça Rubro-Negra (Flamengo) e Gaviões da Fiel (Corinthians), os anos 80 vieram acompanhados por uma perda do espaço que as torcidas tinham diante dos meios de comunicação e da sociedade. Tudo isso se deve a uma causa: o aumento da violência nos estádios. Essa mudança não foi observada só no Brasil, mas também em diversos países em que o futebol era fortemente enraizado.

O principal deles é a Inglaterra, que nos anos 80 passou por duas grandes tragédias: Heysel na Bélgica, em 1985, e Hillsborough na Inglaterra, em 1989. No Brasil, o principal caso foi visto em agosto de 1995 no episódio conhecido como a “Batalha do Pacaembu” em São Paulo. Era um domingo de jogo entre Palmeiras e São Paulo onde o time alvinegro se consagrou campeão da Supercopa de Futebol Junior, mas durante as comemorações se iniciou uma briga sem fim que resultou na morte de um torcedor e deixou 102 feridos. Esse evento não foi o único, mas foi o que mais repercutiu e impactou a sociedade, sendo a partir dele que muitas coisas mudaram para as torcidas organizadas.

Segundo o sociólogo Carlos Alberto Máximo Pimenta, esse fenômeno violento tem a ver com o novo perfil dos torcedores que se tornaram cada vez mais individualizados e encontram na agressividade uma forma de expressão. Segundo o autor (2000, p.126), o aumento da violência no meio esportivo possui três causas: “a juventude, cada vez mais esvaziada de consciência social e coletiva; o modelo de sociedade de consumo instaurado no Brasil; o prazer e a excitação gerados pela violência e pelos confrontos agressivos”. A partir daí, passaram a ter que combater uma marginalização contra as TOs que só crescia. Através de uma espetacularização da violência, as grandes mídias passaram a noticiar cada vez mais pequenos episódios de brigas e discussões nos estádios como atrelada diretamente às torcidas organizadas, ganhando audiência e lucrando em cima desse grupo. Dessa forma, configura-se

um processo de estigmatização do grupo, ignorando sua heterogeneidade tanto do ponto de vista interno, ou seja, dos diversos tipos de indivíduos e comportamentos encontrados dentro de uma mesma torcida, quanto do ponto de vista externo, em que as atitudes violentas, que de fato ocorrem, são retratadas como a única prática oferecida pelas organizadas ao futebol (GOMES, 2020, p. 69).

De marginais e violentos eram também chamados de vagabundos que não estudavam e nem trabalhavam. Este último fato precisa ser desmistificado pois através da leitura da revista Placar, documentários e entrevistas disponíveis no YouTube e acompanhamento das Torcidas pelas redes sociais podemos dizer que esses grupos são extremamente plurais. Fazem parte deles: médicos, comerciantes, advogados, professores, empresários, estudantes e diversas outras ocupações. Ali também se misturam diversas classes sociais, do morador do Leblon¹² até o morador de BonSucesso¹³.

Apesar dessa diversidade, seus associados são formados por uma predominância masculina fruto de um machismo que persiste nas arquibancadas. Ao longo dos últimos anos, a presença feminina tem ganhado mais força e principalmente através de criação de torcidas organizadas femininas e também pela liderança de mulheres nos postos de diretoria. É importante ressaltar que isso não é uma novidade, visto que na década de 60 e 70 havia uma predominância de torcidas comandadas por mulheres, são exemplos: a Dona Laura da Charango do Flamengo e Tia Helena da Torcida Jovem Fla. Sendo identificadas como torcedoras símbolo, participavam ativamente de todas as atividades da torcida, confeccionando bandeiras, disponibilizando suas casas para reuniões e frequentando caravanas. Surge-se assim, os apelidos de “tias”, “donas” e “avós” de uma massa de torcedores.

¹² Bairro da Zona Sul do Rio de Janeiro, é um dos mais ricos da cidade.

¹³ Bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro, tido como periférico.

Além disso, a própria organização interna das torcidas organizadas ajudam a demonstrar que vai muito além de “baderna”. Toda a sua estrutura é dividida por cargos e funções referentes às suas diversas diretorias, contando também com o posto de presidência e conselhos deliberativos. Algumas dessas diretorias são: arquibancada, financeiro, caravana, bateria, comunicação, relações públicas e material. Existem também regras e estatutos que os integrantes devem seguir e respeitar sob risco de penalização e desligamento da torcida. Esse processo é explicado por Cerqueira (2020, p.22), onde:

Desde o surgimento das torcidas organizadas, pode ser observado que, dentro da estrutura destas, os integrantes não se comportam como espectadores passivos, sublinhando a importância da ação de cada torcedor dentro da rede. O próprio ideal de associação e comunidade faz com que os membros concordem com a distribuição de tarefas dentro das torcidas, uma vez que se acredita que fazer parte deste organograma seja mais uma forma de reafirmar seu pertencimento e sua identidade enquanto peça integrante de uma torcida organizada.

Dessa forma, podemos dizer que as torcidas organizadas desde sua fundação estão em constante determinação para demonstrar o seu valor e seriedade diante da sociedade. Outros exemplos que demonstram essa sua luta por afirmação e contra a marginalização podem ser vistos através de realizações do Congresso Nacional de Torcidas Organizadas desde 1987, fundação da Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro, em junho de 1981, posteriormente, a Federação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (FTORJ) e principalmente pela criação da Associação Nacional das Torcidas Organizadas (ANATORG) em 2014 após anos de lutas por representação. Tais agrupamentos surgiram como uma forma de “buscar maneiras de articulação coletiva, de modo a garantir uma maior capacidade e força de representação nos debates públicos” (GOMES, 2020, p. 70).

Além disso, uma das principais conquistas foi o Estatuto de Defesa do Torcedor, sancionado em 2003 através da Lei 10.671/2003 e sendo atualizado diversas vezes ao longo dos anos. Nesse importante documento os torcedores passaram a ter mais autonomia e proteção, sendo definidos os seus deveres enquanto partes representativas do futebol e também punições em caso de descumprimento. Além disso, o documento também põe em pauta os deveres e funções que os times e estádios devem ter ao receber milhares de torcedores em seus jogos, como por exemplo o fornecimento de ambulâncias e segurança por meio da presença de policiais. Dessa forma, fogem de uma compreensão onde “os torcedores, de maneira geral, sempre estão na parte de baixo da hierarquia dos campos futebolísticos, com pouca capacidade de influência nas principais decisões e transformações em que são os mais afetados” (CAMPOS, 2020, p.44).

Visto isto, podemos dizer que o papel dos torcedores mudou bastante ao longo das décadas e o próprio propósito das torcidas também. Com o advento da internet nos 2000, as torcidas conseguiram ocupar um espaço para além das arquibancadas e dos arredores do estádio. Reuniões que antes aconteciam em suas sedes, agora passam a ser acompanhadas por torcedores em qualquer lugar. Os seus produtos que na maioria das vezes é o que sustenta as TOs, agora podem ser vendidas pela internet e aumentam o poder financeiro da organização. Divulga-se também as ações sociais das torcidas, podendo contar com a divulgação de diversas pessoas, integrantes ou não. Além disso, a internet também chega como uma voz aos mais excluídos dentro das arquibancadas expondo problemas que anteriormente não eram tão combatidos, como os casos de assédio no estádio. Fazendo com que novos grupos sejam criados com diferentes propósitos, mas acima de tudo mantendo o desejo de torcer para seu time de coração.

1.2 AS TORCIDAS ORGANIZADAS DO FLAMENGO

A seguir irão ser apresentadas as três torcidas organizadas que mais foram observadas durante as análises das revistas Placar: Charanga do Flamengo, Raça Rubro-Negra e Torcida Jovem do Flamengo. É necessário ressaltar que a Placar apresentou e deu voz a outras torcidas rubro-negras, ganhando força através das páginas da revista. Apresentar suas histórias, trajetórias e como se encontram hoje é de extrema importância para compreender as mudanças que ocorreram com as organizadas e suas ligações com o surgimento dos novos movimentos de torcedores. O lema da torcida Jovem Fla “Nada do Flamengo, Tudo pelo Flamengo” foi utilizado para demonstrar esse sentimento que move décadas, longas distâncias e diversas transformações não só nas arquibancadas, mas em toda a sociedade. Demonstrando também que muitos torcedores fazem do time a sua vida e vivem em função dele. Serão utilizadas produções bibliográficas sobre o tema, sites, redes sociais das torcidas e entrevistas encontradas no Youtube com membros desses grupos para exemplificar essas questões que envolvem os integrantes de torcidas organizadas rubro-negras.

1.2.1 CHARANGA DO FLAMENGO

A Charanga do Flamengo, como apresentado anteriormente, surgiu em 1942 a partir do desejo de seu idealizador Jaime de Carvalho em levar música para as arquibancadas e mudar o perfil do torcedor que até dado momento assistia à partida sem manifestações. Buarque de Hollanda e Silva (2007, p. 4) evidenciam esse papel pioneiro da Charanga através do trabalho *No tempo da Charanga*, onde fazem um levantamento bibliográfico desse novo

grupo através de recortes de jornais da época. Jaime nasceu na Bahia em 1911, mas mudou-se para o Rio de Janeiro aos 16 anos. Tornou-se funcionário público na cidade carioca e nesse período conheceu a portuguesa Laura, conhecida como Dona Laura, com quem casou e teve filhos. O casal sempre manifestou seu amor pelo Flamengo, frequentando os jogos e animando a torcida. Com a falta de uma organização, passaram a reunir cada vez mais pessoas. Reunindo homens, mulheres, crianças e todos que quisessem fazer parte. Entre essas pessoas faziam parte instrumentistas de uma banda da Polícia Militar que passaram a embalar as arquibancadas com o primeiro¹⁴ hino do clube: "*Flamengo, Flamengo / Tua glória é lutar / Flamengo, Flamengo / Campeão de terra e mar*".

Dessa forma, tiraram o silêncio que a tanto tempo fazia parte das arquibancadas porém essa novidade não agradou a todos, os meios de comunicação da época reclamavam que esse novo barulho poderia prejudicar o desempenho do time adversário, mas não teve jeito pois a Charanga havia chegado para ficar e revolucionar o modo de torcer. Além disso, faziam bandeiras feitas a mão, principalmente por Dona Laura, com sua marca registrada, a frase "Avante, Flamengo". Começaram também a uniformizar a torcida, sendo uma grande novidade para a época através de camisas rubro-negras com um bordado no peito escrito Charanga do Flamengo ao lado de seu símbolo, o instrumento musical lira. Buarque de Hollanda e Silva (2007, p. 4) evidenciam a importância desses pequenos gestos que fizeram com que a Charanga tivesse conquistado o seu posto de precursor dentro das torcidas organizadas.

Em substituição às fitas e aos lenços coloridos abanados pelo público feminino durante os jogos, de onde provém a raiz da palavra torcedor – o ato de torcer os lenços com aflição durante um lance decisivo –, os uniformes transformavam-se no elemento de identificação dos torcedores de cada clube. Se a indumentária dos espectadores de futebol até então não se distinguia da vestimenta das elegantes platéias de teatro, cinema e ópera, com o habitual terno e gravata, a camisa uniformizada vem a despertar a atenção não mais apenas no campo.

O perfil carismático de Jaime de Carvalho fez com que a Charanga alcançasse altos voos, mas sem perder sua essência. Quanto mais o tempo passava, mais torcedores passaram a acompanhar e torcer ao lado dela. Divulgando os seus princípios, sendo ele: não brigar, não xingar os jogadores e sempre colocar as crianças na frente ou no ombro de seus integrantes, ganhou notoriedade em todo Brasil sendo convidado a acompanhar os jogos da seleção durante as copas do mundo de 1950, 1954, 1962 e 1974 (BUARQUE DE HOLLANDA, 2008). Nos anos setenta, Jaime descobriu um câncer e acabou se afastando das arquibancadas. Falecendo em 1976 aos 65 anos.

¹⁴ O hino "Flamengo, Tua Glória é Lutar" foi composto em 1920 por Paulo Magalhães, ex-goleiro do clube.

A Charanga de Jaime passava a ficar sob o comando de sua companheira, Dona Laura. Ela permaneceu até os anos 80, em seguida passando o bastão para sua filha Suely. Com o “boom” das torcidas organizadas nos anos 80 em todo Brasil, a Charanga acabou perdendo o seu espaço e força, mas ficou para a história a importância de tudo que foi construído por Jaime e Dona Laura. Este chefe de torcida também foi precursor em alimentar boas relações com as torcidas organizadas, até mesmo as rivais, através da promoção de bailes das torcidas organizadas e outras confraternizações entre eles. Por fim, é visto como uma influência até os dias de hoje nas ações das torcidas organizadas, sendo evidente sua relevância oitenta anos depois. Além disso, Jaime recebeu do clube a maior honraria que um torcedor já ganhou até hoje: uma placa nas arquibancadas do estádio da Gávea, em 2008. Eternizando todo o esforço que fez pelo Flamengo, torcedores, chefes de torcida e torcidas organizadas.

1.2.2 TORCIDA JOVEM DO FLAMENGO

A torcida organizada Grêmio Recreativo Cultural Torcida Jovem do Flamengo, ou Jovem Fla (TJF) foi criada em 1967 e sua criação foi advinda das transformações que ocorriam entre os torcedores de futebol. Seus membros fundadores faziam parte da Charanga do Flamengo e estavam insatisfeitos com a desvalorização que sofriam na época depois de serem barrados ao entrar em estádios. Fazendo parte das transformações que acarretavam as arquibancadas nos anos 70, nesse período “inauguraram um processo sujeito a sucessivos arranjos combinatórios entre as torcidas, com incessantes fusões e separações, aproximações e distanciamentos, uniões e dissídios, onde não podem ser descartadas as contingências políticas, sociais e culturais que preponderava em termos locais, nacionais e internacionais” (HOLLANDA, 2008, p. 271).

Sentindo necessidade de fazer algo contra aquilo, membros mais jovens da Charanga resolveram fundar um novo grupo, mais crítico e com poder de decisão. É importante ressaltar que compartilhavam de uma identidade própria que interferia em suas formas de ver o mundo, nas roupas e também no jeito de agir dentro da torcida. O que antes era proibido no antigo, como manifestar-se contra o desempenho dos jogadores, agora seria aceito e incentivado por eles. Buarque de Hollanda (2008) enfatiza que essa criação se deu em conjunto com outros acontecimentos em que os jovens adquiriram um perfil mais contestador, sendo eles identificados como “novos atores imbuídos do intuito de ocupar um papel distintivo no universo esportivo” (p.185). Além disso (p.267),

O referencial da política clubística continuaria sendo um termômetro que acarretaria formas assemelhadas de expressão da insatisfação para as torcidas organizadas dos demais clubes. A continuidade das contestações se devia ao fato também de que elas

variavam em consonância imediata com o estado das equipes dentro do campo, uma reação momentânea às derrotas e às fases críticas. Às vaias e aos apupos, seriam acrescentadas ainda novas formas de reprovação aos dirigentes e ao time, como as pichações à sede dos clubes e demais modos veementes de agressão simbólica ao seu patrimônio.

Seu nome inicial foi Poder Jovem, inspirado no movimento Black Power. Segundo o portal Organizadas Brasil, o grupo possui algumas normas: “seguir o Flamengo onde ele estiver aconteça o que acontecer e nada nem ninguém iria fazer com que eles não entrassem nos estádios; brigar só com quem quisesse brigar com eles; nunca bater nos mais fracos; e proteger os Rubro-Negros dos ataques de adversários”. Sua divisão se dá por meio de pelotões, ou regiões, distribuídos por diversas partes do Brasil. Se tornou famosa através de suas caravanas para acompanhar os jogos do time fora do Rio de Janeiro, não importando a localidade. Além disso, “as viagens requeriam uma estrutura de locomoção de ônibus e uma mobilização constante de associados que faziam extrapolar a identidade das torcidas para além dos jogos e dos estádios, com a criação de laços de sociabilidade extra-esportivos e com o fortalecimento dos vínculos internos de sua organização” (HOLLANDA, 2008, p. 258).

Assim como a Charanga possuía figuras carismáticas, na Jovem Fla também havia. Entre eles estavam a Tia Helena e o Tio Guima, um casal de aposentados, que participavam da fundação do grupo e auxiliavam através de bordado nas camisas e bandeiras da TO. O uso da definição de “tios” seria, segundo Hollanda (2008), uma forma de apadrinhamento que os mais velhos deveriam exercer sobre os mais novos. Além disso, Tia Helena é uma das fundadoras da TJF e só se desligou da torcida quando o perfil violento começou a ganhar força nas arquibancadas.

Figura 5 - Logotipo oficial da Torcida Jovem do Flamengo.



Fonte: Pagina da Torcida Jovem Fla no Twitter

Os símbolos dessa torcida são: punhos cerrados, a figura do Che Guevara e tanques de guerra com 3 canhões, referindo-se aos 3 gols do Flamengo na final do Mundial de Clubes em 1981. Essas figuras estão ligadas ao contexto político da época, ditadura militar, passando

para as arquibancadas símbolos de resistência que também representavam muito ao que estava acontecendo (ANDRADE, 2020). Ao longo de sua trajetória, a Jovem Fla esteve envolvida em diversos eventos violentos, sendo episódios que resultaram em seu banimento das arquibancadas. Esse ato violento é uma característica presente nos novos agrupamentos que surgiram nos anos 80 e 90, segundo Pimenta (2000, p.125)

a violência, verbal e física, traduziu-se em um dos principais códigos e símbolos sociais de agrupamento de jovens em torno das torcidas organizadas. à medida em que os números estatísticos e os atos de agressividade aumentavam, proporcionalmente, cresciam a procura e a filiação ao movimento.

1.2.3 RAÇA RUBRO-NEGRA

O Grêmio Recreativo Movimento Cultural Raça Rubro-Negra, ou Raça Fla, foi fundado em abril de 1977 pelo torcedor Claudio Cruz com o propósito de fugir de tudo que já havia nas arquibancadas até dado momento e sua distinção se daria através de uma “produção da festa e a sua caracterização própria” (DA SILVA, 2019, p. 35). Seus fundadores eram ex-integrantes de duas grandes torcidas rubro-negras da época: Jovem Fla e Flamar. Novamente, o que havia eram torcedores frustrados e que queriam diferenciar-se de tudo o que já existia até aquele momento. Dessa forma, colocam nas ações de festividade a sua diferenciação e maior qualidade, demonstrando raça pelo clube através de seus cânticos. Isso pode ser demonstrado através de suas características principais, como: assistir ao jogo de pé o tempo todo, o uniforme vermelho, transformar sambas famosos em hinos da torcida e ser denominada como o “pulmão das arquibancadas” por ficarem cantando durante os 90 minutos da partida, não à toa foram denominados pelos jornais esportivos dos anos 80 como “a torcida dos 90 minutos”.

Um ano antes de sua fundação, seus idealizadores já anunciavam que estava próximo de acontecer um grande movimento de torcedores através da exposição de cartazes e bandeiras pelo Rio de Janeiro que anunciava “O maior movimento de torcidas do Brasil”. Segundo Da Silva (2020, p. 3), “o objetivo de caminhar na contramão das novas torcidas organizadas, que se findaram após pouco tempo, estava calcado na intenção de estabelecer um modo de torcer inflamado e vinculado a novas perspectivas para a festa torcedora.” Demonstrando que era possível festejar, incentivar o time através dos cantos, mas também cobrar o time com vaias e outras manifestações que demonstram sua insatisfação. E a combinação deu certo, a sua primeira década de torcida é a mesma década de ouro do Flamengo. Nos anos 80 o time conquistou importantes títulos, como: Libertadores, Mundial Interclubes, quatro títulos do Campeonato Brasileiro e dez títulos estaduais.

Figura 6 - Logotipo oficial da Raça Rubro-Negra.



Fonte: Página da Raça Rubro-Negra no Twitter

Seu símbolo é um punho cerrado que representa a resistência e raça do movimento, um segundo aspecto é o desenho do mapa do Brasil que simboliza o tamanho nacional da torcida e também possui uma relação com suas caravanas por onde o Flamengo for jogar. Com o passar dos anos, a Raça se tornou a maior torcida organizada do Flamengo. Em todo lugar do mundo em que o Flamengo for jogar, é certeza que terá uma bandeira da RRN. Representando o time, a Raça e também todos os torcedores rubro-negros. Atualmente conta com milhares de sócios e adeptos por todo o país, além disso, grande parte de sua renda nos dias atuais vem através da venda de seus produtos pela internet ou presencialmente em sua sede no centro do Rio de Janeiro. Ressalta-se aqui a importância dos apoiadores para estes grupos,

para além da quantidade de associados que uma torcida organizada constitui, a presença de não-adeptos, mas que se aproximam da agremiação no estádio, importa ao grupo, reiterando uma possível superioridade, mas também àquele que oferece sua presença, por se incluir, de algum modo, naquele universo simbólico (DA SILVA, 2020, p. 1).

Assim como a Jovem Fla, está banida dos estádios por conta de episódios de violência e desordem nas arquibancadas. Diante disto, surge um questionamento que envolve a maioria das TOs: como uma torcida criada para animar/festejar seu time do coração se transforma em uma torcida marcada por atos violentos? No documentário sobre a Raça Rubro-Negra intitulado de “O pulmão da arquibancada”, lançado em 2012, seus próprios integrantes tentam explicar como essa drástica transformação ocorreu. Segundo seu fundador Claudio Cruz, esse processo ocorreu devido a criminalização do funk que ocorria no Rio de Janeiro nos anos 90, período em que o funk era muito associado a episódios de violência juntamente com o preconceito pela sua raiz periférica. Não à toa esse é o momento de maior violência nas torcidas organizadas. Em sua fala, Cruz diz:

No começo dos anos 90 era uma loucura. E as brigas de torcida organizada, de times rivais também, aumentaram bastante quando o baile funk acabou e o pessoal passou

a frequentar os estádios de futebol. E aí veio a acontecer realmente de ter essa percepção e a galera ter a cabeça mais aberta para isso, essa de liderança de torcida, agora, de 2000 em diante. O pessoal começou a ver que era feio, muita covardia, os moleques saiam de casa pra ir pro estádio e não sabiam se iam voltar.

Mesmo passado os anos mais violentos das TOs, a Raça se encontrou presente em diversos episódios de violência nos anos 2000 e 2010, ficando suspensa das arquibancadas por longos anos. Esse período encontrou seu fim em dezembro de outubro de 2022 quando as torcidas organizadas do Rio de Janeiro receberam uma volta aos estádios provisória. Quem permitiu essa decisão foi a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ) e o Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MPRJ) após diversas mobilizações de torcedores nas redes sociais e também comparecendo em peso na ALERJ em dias de votação. Este dia é de grande importância para o meio, pois foi o resultado de uma luta de anos das torcidas organizadas e suas representações, como a FTORJ E ANATORG.

Depois de inúmeros processos durante todo o ano de 2022, no dia 5 de outubro saiu o resultado da suspensão das punições por 60 dias. Através disso, antigos e importantes rostos puderam ser encontrados novamente nas arquibancadas do Rio de Janeiro, são eles: Raça Rubro-Negra, Torcida Jovem do Flamengo, Força Jovem do Vasco, Young Flu e Fúria Jovem. Esses grupos, juntamente com outras TOs em todo país, percorreram uma grande batalha para alterar as leis que recaem sobre eles. Mudar a punição para o indivíduos, o CPF, e não para toda a instituição, o CNPJ. Esse desejo começou a ganhar força com os avanços na Lei 9.883/22¹⁵ de autoria dos deputados Carlos Minc (PSB), Luiz Paulo (PSD) e Zeidan (PT). Segundo informações de sua primeira ementa,

Esta Lei tem por objetivo regulamentar o ingresso das torcidas organizadas e coibir a violência nos eventos esportivos do Estado do Rio de Janeiro, estabelecendo garantias e compromissos para essas associações no que tange às ações públicas referentes aos eventos esportivos; bem como, criar instâncias com participação da sociedade civil a serem encarregadas da mediação, fiscalização e elaboração de políticas para a efetivação desta Lei.

Por fim, conclui-se a importância das três torcidas organizadas analisadas para não só o Flamengo, mas para todos os grupos de torcedores ao longo do Brasil. Cada uma delas possui características que reafirmam a função primordial das TOs: animar e incentivar o time. Fica evidente também o papel de socialização dentro desses grupos, reafirmando laços e identidades coletivas. Tudo isso começa com o chefe dos chefes de torcida, Jayme de Carvalho e com a Charanga do Flamengo para todos os torcedores, graças a suas atitudes que revolucionaram as arquibancadas no início dos anos 40. Apesar de se manterem ativos até hoje, as torcidas organizadas acabam deixando para trás a necessidade de se transformar junto

¹⁵ RIO DE JANEIRO (estado). Projeto de Lei Nº 6118/2022.

com os novos torcedores. Torcedores estes que procuram grupos que sejam mais críticos e que corresponda às suas necessidades e bandeiras. Além disso, existe também uma certa mudança que as TOs precisaram lidar com o tempo e que fez com que surgissem novos grupos: o advento da internet.

1.3 OS NOVOS MOVIMENTOS DE TORCEDORES

1.3.1 FLAMENGO DA GENTE

O movimento político de torcedores Flamengo da Gente (FdG) surgiu em 2017 através da ideia de alguns torcedores em criar uma página no Instagram para relembrar o passado popular do clube. Além disso, havia o intuito de difundir ideias na discussão interna do clube. Internamente, pois seus fundadores são membros do conselho deliberativo do Flamengo. A razão de seu surgimento se deu em um contexto onde o elemento popular não estava sendo incluído nas grandes decisões, ocorrendo um processo de elitização através do alto preço dos ingressos e planos de sócio torcedor, juntamente com outros fatores que acarretaram no afastamento de alguns torcedores do clube.

O futebol, tomado pela racionalidade econômica muito comum ao mundo empresarial, visava expandir as possibilidades de ganhos financeiros transformando o jogo em um evento, um espetáculo de entretenimento, buscando clientes engajados no consumo dos produtos relacionados ao clube em detrimento de uma significativa parcela mais pobre de seus torcedores, que se viu impossibilitada de construir uma relação mais próxima e intensa, inclusive no que diz respeito ao básico acesso aos estádios (GOMES, 2020, p. 19).

A principal bandeira levantada pelo Flamengo da Gente é ligada à defesa da matriz popular, sendo evidenciada em seu lema “Justo, Democrático e Popular”. Para enfatizar essa questão é muito levantado por eles que se deve voltar ao tempo e lembrar que o Flamengo, desde sua fundação, teve sua identidade atrelada a ser um time do povo. Diante do cenário em que pautas sociais estavam sendo esquecidas pelo seu time e torcedores, o grupo surgiu com um perfil contestador e político. Indo além do simples torcer.

Figura 7 - Logotipo oficial do Flamengo da Gente



Fonte: Página do Flamengo da Gente no Twitter

Suas demandas são voltadas para além do campo, buscando uma maior participação feminina no colégio eleitoral do clube, um plano de sócio torcedor popular, maior envolvimento do clube com iniciativas sociais e principalmente a promoção de responsabilidade social. A responsabilidade social é algo que sempre é batido na tecla, pode-se usar de exemplo duas de suas maiores campanhas. A 1ª é a preservação da memória de Stuart Angel, grande remador do Flamengo nos anos sessenta que foi morto durante a ditadura. A segunda é o "Não Esqueçemos", em homenagem aos 10 jovens jogadores que perderam suas vidas em 2019 devido a um incêndio no centro de treinamento do Flamengo.

Dentro do grupo existem diversas frentes, como a feminina intitulada Mulambas da Gente, que promove ações para aproximar mulheres ao estádio e combater o assédio nas arquibancadas, e a Frente pela Igualdade Racial. Existem também outras campanhas que ganharam lugar nas páginas de jornais e que enfatizam o perfil contestador do grupo que não mede esforços para cobrar o clube e manifestar suas pautas ou insatisfações diante de certas decisões do clube. No fim de 2022, o grupo ganhou grande visibilidade ao lançar sua posição contra a contratação do goleiro argentino Agustín Rossi devido ao histórico de violência doméstica do atleta. Nesse período, foram realizadas ações online através de um tuitaço, no Twitter, reafirmando a campanha #FutebolSemAgressores. Além disso, também se posicionou contra a contratação do técnico Cuca e do jogador Erick Pulgar.

1.3.2 FLAMENGO ANTIFASCISTA E A DEMOCRACIA RUBRO-NEGRA

O grupo de torcedores Flamengo Antifascista, ou FlaAntifa, surgiu em 2013 diante do período político em que se ocorriam as manifestações conhecidas como Jornadas de Julho. Sua organização é composta por núcleos de combate em diversos estados do país, além de fazer parte da organização TAU (Torcidas Antifascistas Unidas). Assim como o Flamengo da Gente, carrega como uma de suas pautas a democratização do clube e oposição ao futebol moderno, possuindo em seu lema uma declaração de luta: “Eu luto e não me rendo. Caio e não me vendo. Não recuou nem em pensamento”.

Em sua página do Instagram publicam, diariamente, notas sobre assuntos que afetam os torcedores de classe popular, apoiando diversas causas e se fazendo presente em manifestação com sua enorme bandeira escrita “Democracia Rubro-Negra”. Tal manifestação está se tornando um grande movimento entre os torcedores do Flamengo, segundo a página do Twitter do Movimento Democracia Rubro-Negra, os seus objetivos são: defesa da democracia, liberdade de expressão, cultura torcedora, torcidas organizadas e futebol popular.

Figura 8 - Democracia Rubro-Negra nas manifestações contra o Governo Bolsonaro no Rio de Janeiro, em maio de 2021.



Fonte: Bruno Rocca (2021)

Seu maior feito está na participação dos atos promovidos pelos torcedores de futebol contra o governo Bolsonaro durante a pandemia, em 2020 e 2021, que virou notícia no Brasil e no mundo. As motivações dessas manifestações foram repudiar a forma como Bolsonaro estava lidando com a pandemia, buscando também contragolpear aos atos da direita que ocorreram meses antes e que pediam um golpe militar. Também possuem ações que envolvem o próprio clube e seu presidente, defendendo que o Flamengo honre a memória de seu ex-atleta Stuart Angel e também honre a memória dos dez jovens do Ninho através de justiça para os seus familiares. Em diversos momentos, como jogos no Maracanã, mantém viva a memória da rubro-negra Marielle Franco através de um enorme bandeira rubro-negra sob os dizeres “Marielle Presente”. Se diferem de coletivos de torcedores devido a suas ações de enfrentamento direto, já os coletivos seriam uma organização política que busca articular medidas para exporem suas pautas.

1.3.3 NAÇÃO 12

O movimento de torcedores Nação 12, ou N12, surgiu nas arquibancadas do Maracanã, em 2009, durante um período marcante para todos os flamenguistas: a conquista do hexa brasileiro. Inspirada nas barras bravas argentinas através das músicas e instrumentos, o grupo se diferencia por cantar durante todos os 90 minutos honrando o seu lema “vivemos de Flamengo, nada nos para”. Além disso, se faz presente não só acompanhando os jogos do futebol masculino, mas também o time de basquete e vôlei do clube. Podem ser identificados

como torcidas organizadas, mas também como grupos políticos de torcedores que se apropriam de seus espaços nas arquibancadas para provocar mudanças.

Como por exemplo, o banimento de cânticos com letras homofóbicas durante o Dia do Orgulho LGBT, em 2017, sendo muito comum em diversas torcidas com o intuito de provocar rivais. Tal ação foi digna de honrarias da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, em 2022, afirmando a importância da iniciativa da Nação 12. Outras ações do grupo podem ser observadas em notas de repúdio publicadas em suas redes sociais, como por exemplo criticando decisões do clube, sendo contra a reeleição de Rodolfo Landim ou defendendo as bandeiras do movimento através de campanhas como #DevolvamOFlamengoDoPovo. Além disso, foi o primeiro grupo de torcedores do Flamengo a se posicionar contra a candidatura de Jair Bolsonaro, em 2018.

Figura 9 - Publicação da Nação 12 contra a candidatura de Jair Bolsonaro em 2018



Fonte: Página da Nação 12 no Facebook (2018)

1.4 TORCIDAS ORGANIZADAS E POLÍTICA SE MISTURAM?

Em fevereiro de 2018, o jornalista e apresentador Tiago Leifert através de uma coluna de opinião no site da revista GQ, intitulado *Evento esportivo não é lugar de manifestação política*, afirma que os esportes não devem ser percebidos como espaço para os indivíduos expressarem suas demandas, críticas e formas de pensar. Segundo ele, esses ambientes esportivos deveriam ser considerados como um momento de desligamento da realidade e garantia de diversão, corroborando com o pensamento do futebol como "ópio do povo". Leifert ignora o fato de que devemos olhar para o futebol como parte representativa da sociedade, dessa forma, se tornam atrelados um ao outro. Não existindo futebol sem política,

pois esse esporte incorpora relações de poder variadas em sua estrutura e em todos os seus agentes: jogadores, técnicos, profissionais e torcedores. Dessa forma, questiona-se: torcidas organizadas e política se misturam?

Ao longo deste trabalho essa questão guiou a pesquisa, visto que compreender os torcedores como atores politicamente ativos é de extrema importância para identificá-los como movimentos sociais. Através de uma forte articulação nas redes sociais e ligações com grupos de torcedores de outros times, estes indivíduos constroem um alicerce importante para lutar por suas pautas e exporem suas demandas, como visto com os grupos Flamengo da Gente e Flamengo Antifascista, mas nem sempre foi assim.

Em 1978, um grupo precursor se juntou para apoiar o time e lutar contra a ditadura, o Fla-Diretas. Três anos antes da famosa Democracia Corinthiana, um grupo de estudantes da PUC-Rio e filiados ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) já se juntavam para unir forças e lutar por suas demandas, sem internet e com poucos espaços na mídia devido às censuras do final do período ditatorial (SAPIA; DE MOURA, 2012). Apoiados por figuras públicas, jogadores e pelo ex-presidente do Flamengo, Márcio Braga, conquistaram espaço nas arquibancadas. Participaram de manifestações em favor da Emenda Dante de Oliveira, comícios de campanha do Tancredo Neves e jogos do Flamengo, onde aproveitavam da visibilidade para estampar sua enorme bandeira e também convocar novos membros.

Vendiam carteirinha, camisas com sua estampa famosa de um urubu carregando um papel de voto na boca, adesivos e outros itens que ajudaram a divulgar a sua causa. Seu ato de maior visibilidade ocorreu no Fla-Flu das Diretas, em setembro de 1984, através de uma partida marcada na história devido ao embate político entre as torcidas. A torcida tricolor apoiava a candidatura de Paulo Maluf, do PDS, e os torcedores rubro-negros puxados pela Fla-Diretas apoiavam o Tancredo, do PMDB. Mesmo diante de seu enorme marco, essa torcida organizada rubro-negra não ganhou tanta visibilidade quanto os torcedores alvinegros. O seu fim se deu em alguns anos depois, mas seus fundadores continuam a exercer a veia política e chegaram a ocupar cargos políticos, como o economista Sérgio Besserman. Além disso, nesse período havia um outro grupo de torcedores rubro-negro com cunho político, o Flanistia. Movimento de torcedores, criado em 1979, que lutava pela anistia dos presos políticos durante a ditadura militar, sendo vigiados pela polícia do regime na época.

Apesar de seus breves períodos de atuação, a Fla-Diretas e Flanistia exercem influência até os dias atuais entre os torcedores. Não à toa o movimento Democracia Rubro-Negra ganhou força nos últimos anos, muito influenciado pelos feitos dessa antiga torcida organizada. O maior ato desse movimento foi observado em manifestações contra o

governo Bolsonaro, em 2020 e 2021, quando torcedores de diversas partes do Brasil saíram às ruas para protestar em um momento crítico da pandemia onde todos deveriam permanecer em suas casas. Torcedores rubro-negros do Flamengo Antifascista, Esquerda Rubro-Negra e Flamengo da Gente se juntaram a torcedores do Vasco, Botafogo e Fluminense em atos que ganharam destaque interanual. Rivals no campo, mas companheiros de luta, os torcedores manifestaram também oposição à volta do futebol em junho de 2020. Outro ato de enorme repercussão dos torcedores foi o “fura bloqueio”, em 2022, onde torcedores que buscavam atravessar o país para acompanhar jogos do campeonato brasileiro de seus times encontravam no caminho bloqueios nas estradas promovidos por bolsonaristas inconformados com o resultado das eleições. Logo, o movimento se espalhou e as torcidas organizadas se prontificaram para ajudar a liberar as rodovias do país.

Como observado, o período das eleições é muito marcado pelo posicionamento das torcidas organizadas que manifestam seu apoio ao candidato que poderá representá-los. Não só por grandes agremiações, mas também por coletivos de torcedores. Períodos de instabilidade política também podem ser observados, como o impeachment da Dilma Rousseff, em 2016, e as invasões às instituições democráticas do Brasil, no início de 2023. É de grande importância destacar a efetividade de coletivos e movimentos de torcedores que constroem grupos de luta que buscam demandas não só para os torcedores, mas para toda a sociedade. Podemos citar: Torcedores Pela Democracia; Movimento Somos Democracia; Comuna Rubro-Negra; Coletivo Gazela Negra; Bolche Fla; Resistência Rubro-Negra. Além disso, existem representações de torcedores que extrapolam o mundo das arquibancadas e tentam provocar mudanças efetivas através de cargos na política, dentro do clube ou em organizações das torcidas, como a ANATORG.

5. ANÁLISE

5.1 REVISTA PLACAR

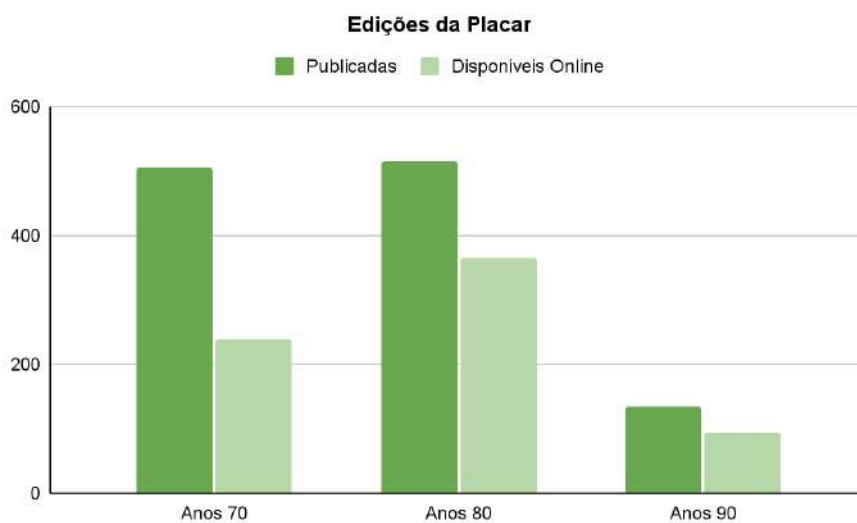
Ao todo, durante as três décadas de análise da Revista Placar foram lançadas 1158 edições, nas quais 460 edições não estavam disponíveis na internet. A escolha de analisar trinta anos da revista se deu, principalmente, para acompanhar as mudanças nas torcidas organizadas ao longo dos anos e também analisar como era o tratamento da mídia com os torcedores. Buscando identificar momentos em que manifestações políticas foram abordadas nas páginas da revista, reafirmando o papel de atores sociais desse grupo. Além disso,

observar o posicionamento da Placar durante o período da ditadura militar no país e o processo de redemocratização.

Infelizmente, a indisponibilidade de algumas edições fez com que se ficasse com um gosto de “quero mais”, principalmente nos anos 80 que é considerado a décadas das TOs. É necessário ressaltar que não foi encontrada uma justificativa para a ausência dessas publicações, mas acredita-se que o tempo e as dificuldades com impressão no fim do século vinte ajudaram nesse processo. Por fim, foram ao todo analisadas 698 edições da revista. Como dito anteriormente, essa investigação se deu junto ao recurso de palavras-chave, onde se buscou os seguintes termos: torcida organizada; torcedores Flamengo; torcida jovem; democracia; raça rubro-negra; política.

O acesso e disponibilidade das edições na internet foi encontrada através do Ludopédio, portal de divulgação científica sobre o futebol, e do acervo digital da Revista Placar, disponível no Google Books. Dentre o número de publicações disponíveis, a sua divisão por década acompanhou as mudanças que ocorreram na organização da revista. Seguindo a ordem temporal, nos anos setenta foram lançadas 505 edições da revista, mas apenas 240 estavam disponíveis. Na década de oitenta esse número foi maior, entre 516 edições lançadas, 363 edições foram encontradas. Os anos noventa, marcado por mudanças na estrutura da revista, foi o período em que menos revistas foram analisadas, visto que entre 135 edições lançadas, 40 não estavam disponíveis. Totalizando 698 edições disponíveis, 460 indisponíveis e 1158 edições lançadas entre quase trinta anos da revista.

Gráfico 1 - Número de edições da Revista Placar lançadas entre as décadas de 70, 80 e 90.

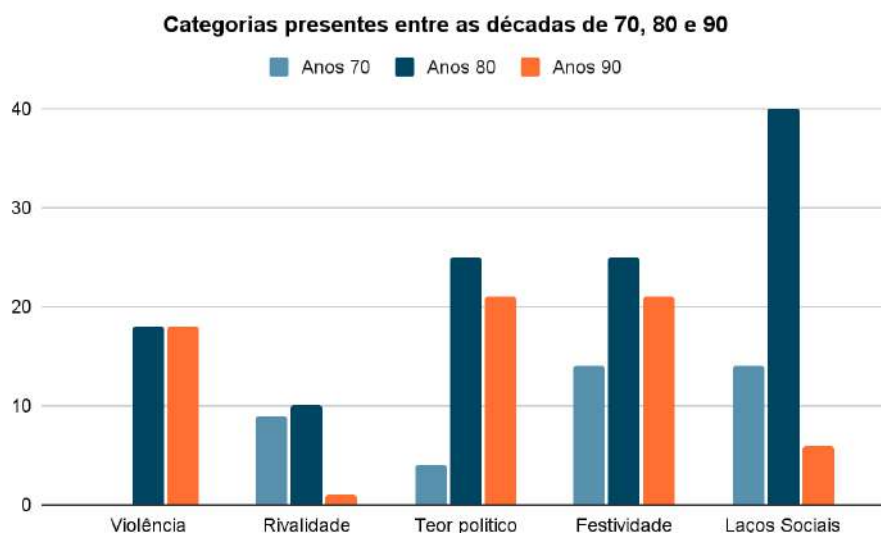


Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Após analisar as revistas, separaram-se os materiais que eram de grande valor para esta pesquisa e, em seguida, foi realizada uma categorização de acordo com os temas abordados nas páginas buscando facilitar esse processo e guiar a abordagem dessa análise. Buscou-se compreender também se era possível observar nas páginas da Placar as transformações que acarretaram os torcedores de futebol de acordo com a bibliografia lida. Dessa forma, os materiais primeiramente foram separados por décadas e depois por 10 categorias. Sendo elas: violência; festividade; teor político; laços sociais; rivalidade; organização; torcedoras; maior torcida do Brasil; Camisa 12; torcidas organizadas. Através desses conjuntos foi possível identificar as mudanças no tratamento com os torcedores e também compreender as ligações com os novos movimentos de torcida.

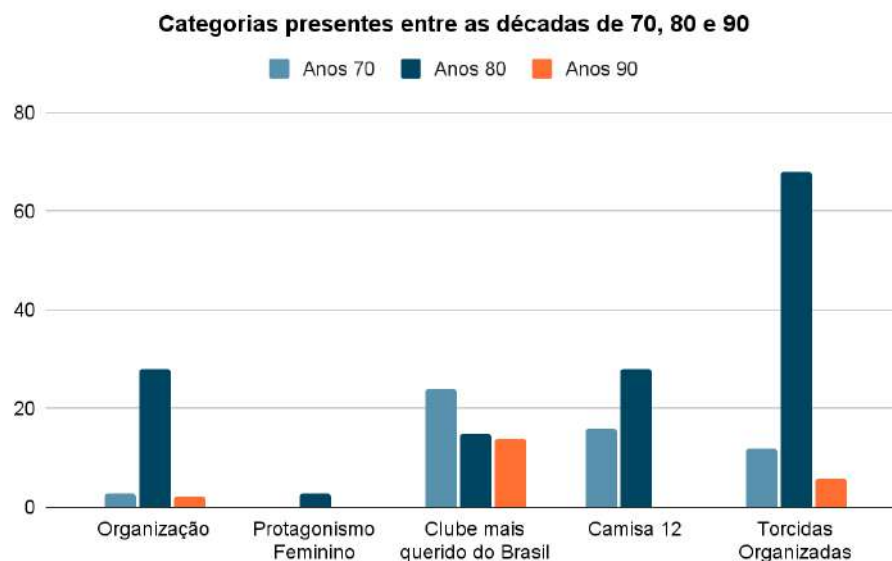
É necessário ressaltar que a maioria dos dados encontrados foram localizados nas seções Camisa 12 e Cartas. Seguidas de materiais sobre partidas da semana, sobre as torcidas, hinos, especiais sobre o Flamengo, matérias com teor político e outras que discutiam sobre a violência nas arquibancadas. Sendo encontrados também, em menor número, nas seções Almanaque, Vale Tudo, Sem Pulo e Garoto da Placar.

Gráfico 2 - Categorização dos dados encontrados nas revistas entre os temas: violência, rivalidade, teor político, festividades e laços sociais.



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Gráfico 3 - Categorização dos dados encontrados nas revistas entre os temas: organização, protagonismo feminino, clube mais querido do Brasil, Camisa 12 e torcidas organizadas.



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

5.1.1 PROTAGONISMO FEMINININO

Em relação às mulheres, infelizmente, essa é uma pauta ainda recente. Se hoje elas estão na luta para ocupar espaços e posições dentro desse mundo, há quase 50 anos atrás era muito mais difícil. Como pode ser percebido no gráfico, esse tema só possui três menções ao longo de 1158 edições, mesmo existindo grandes figuras torcedoras rubro-negras nas arquibancadas. Podemos citar aqui a Dona Laura (Charanga Rubro-Negra), Tuninha (Flamante), Tia Helena (Jovem Fla) e Dona Zica. Essa invisibilidade de torcedoras históricas merece um aprofundamento histórico e social devido a sua grande problemática, mas infelizmente ficará para um momento posterior.

Pode-se dizer que um desses motivos está no fato da Revista Placar ter os homens como público alvo, dessa forma, as mulheres eram representadas pela Placar de duas maneiras: erotizadas ou tendo sua sexualidade questionadas por parecerem “masculinas”. A primeira menção ocorreu na edição 623, em 1982, em uma matéria sobre a importância da massa de torcedores rubro-negros. Nela, a torcedora ilustre Tia Helena é citada pela primeira vez, 600 edições depois do início da revista. Com os seus 71 anos, é entrevistada pela revista para contar sobre sua paixão pelo Flamengo que fez com que desobedecesse ordens médicas e de seus familiares. A chefe de torcida da Jovem Fla sofre de artrose, impossibilitando seu comparecimento às arquibancadas, mas isso não foi o bastante para ela. Foi escondida ao Maracanã, sendo carregada por dois torcedores até a Torcida Jovem e aproveitando toda a

festa proporcionada pela torcida após a vitória de seu time. Mesmo tendo sua aparição em uma breve entrevista, a revista não colocou fotos suas ao contrário de outros torcedores que apareceram nessa matéria.

A segunda menção ocorreu na edição 722, em 1984, na matéria “A Verde e Rosa é Rubro-Negra” sobre as ligações entre a escola de samba Mangueira e o time do Flamengo. Segundo a revista, o que as une é o “amor às raízes populares”, sendo evidenciado pelos comentários da antropóloga Maria Julia Goldwasser. Dona Zica, viúva do mestre Cartola e figura ilustre da Mangueira, comenta sobre essas duas paixões do povo carioca. Segundo ela, o “coração bate mais forte e um arrepio percorre o corpo. São coisas diferentes, mas a emoção é a mesma” (PLACAR, 1984, p.26). Dona Zica é integrante ativa da torcida organizada Fla-Manga, contando que mesmo com seus 71 anos não deixa de frequentar caravanas para ver o Flamengo jogar. A revista cita também outras torcedoras e integrantes históricas da Mangueira, são elas: Dona Lina e Dona Lucíola.

Figura 10 - Capa da matéria “A Verde e Rosa é Rubro Negra” na edição 722.



Fonte: Revista Placar (1984)

Na edição 975, em 1989, não há menções a torcedoras do Flamengo, mas através da seção Vale Tudo é possível observar como era o tratamento das mulheres na época. Em uma das cartas publicadas, um torcedor elogia a beleza da jogadora do time de vôlei do Flamengo, Roberta Cabral, convidando-a para ser madrinha da torcida organizada Fla-Raxa. A mesma, em contato com a revista, recusa o convite porque seu namorado é ciumento e não teria a aprovação de seu pai. Em outra carta, uma leitora de São Paulo reclama do conteúdo da revista, por sempre retratar as mulheres de forma obscena. Afirmando que nem só homens lêem a revista, mas mulheres e crianças também, a leitora reclama que está cansada e

decepcionada de ver mulheres nuas em todas as edições. Ao questionar a revista se os homens realmente precisam disso o tempo todo, a revista responde por meio do desenho de um cachorro raivoso que diz “Eu preciso. E muito!”.

5.1.2 VIOLÊNCIA

Como observado no gráfico, essa temática não foi encontrada em edições dos anos 70. A explicação para esta ausência pode ser devido ao fato da violência entre os torcedores surgir após a metade dos anos oitenta, dessa forma os torcedores aqui analisados ainda estavam em transição de seus papéis nas arquibancadas. De festivos, aos poucos foram adquirindo um senso crítico nas arquibancadas. Ao todo, foram encontrados 18 materiais sobre violência entre torcedores na década de 80. A primeira aparição foi encontrada na edição 571, em 1980, através de uma coluna do jornalista Sérgio Cabral. Nela, ele pede para que as torcidas parem de arrumar brigas pois isso esconde a sua verdadeira importância. Segundo ele,

As pessoas que acompanham as suas equipes pelo Brasil, esses torcedores que andam quilômetros e quilômetros de ônibus, sem dormir e faltando ao trabalho, são seres admiráveis que expressam a paixão pelo futebol. Espancá-los, jogar pedras em seus ônibus, etc., são manifestações que fazem dos agressores tipos asquerosos quanto aos torturadores. Nada me entristece mais do que as notícias de agressões desta ordem. Mas não são acontecimentos como esses que caracterizam as torcidas de futebol (PLACAR, 1980, p.30).

Essas manifestações também podem ser observadas em outras edições que buscam conscientizar o quanto essas atividades são nocivas ao futebol, como na edição 591, em 1981. Em uma matéria intitulada “Há um perigo nas arquibancadas” da edição 799, em 1985, a revista realiza uma boa abordagem sobre essa questão, trazendo números, imagens, opinião de especialistas e também os torcedores envolvidos em episódios de violência. Através do enunciado “Elas têm que acabar, ou ainda tomarão conta de tudo”, a revista apresenta os riscos reais dentro da arquibancada. A revista ainda comenta sobre a resistência de torcidas pacíficas dentro desse ambiente violento, citando a Charanga Rubro-Negra.

Outras matérias cumprem o papel de evidenciar episódios reais de brigas envolvendo torcidas organizadas do Flamengo, como na edição 679, em 1983, ao abordarem a “Batalha de Santos”. Era uma partida do Flamengo e Santos pela Taça Ouro, onde a vitória do time santista foi ofuscada pela grande confusão criada pelos 15 mil torcedores da Raça Rubro-Negra. Na edição 798, em 1985, a revista comenta sobre a partida Flamengo x Olaria pelo Campeonato Carioca. Dessa vez, a briga foi protagonizada pela Torcida Jovem que inconformada com a péssima atuação de seu time começou a balançar o alambrado. Após a intervenção da polícia, iniciou-se um episódio de pancadaria entre os torcedores, sendo

necessário parar a partida. No fim do segundo tempo, após o Flamengo marcar o gol da vitória, a torcida rubro-negra derrubou de vez o alambrado e invadiu o campo.

É possível observar também o posicionamento dos torcedores que são afetados com esse problema, como na edição 700, em 1983, através de uma correspondência da Camisa 12, um torcedor santista solicita a revista para divulgar o planejamento da realização do I Congresso Nacional das Torcidas Organizadas. Para essa conferência, convida a todas as torcidas do Brasil para debater temas como: violência, segurança e preço dos ingressos. Buscar medidas para que os torcedores se sintam seguros em seus lugares favoritos: os estádios.

Por outro lado, outros leitores culpam a revista por estarem afastando os torcedores dos estádios devido a noticiarem demais as violências nos estádios. Ele comenta, "você conseguiram fazer com que o torcedor fique em casa, com medo de ir aos campos" (PLACAR, 1983, p.58), ignorando os motivos reais que afastaram os torcedores de frequentar as arquibancadas. A Placar utiliza desse artifício para em uma coluna de humor na edição 987, em 1989, criar um personagem fictício (chefe de torcida) que tenta se defender das acusações de que as torcidas organizadas são violentas. Ao apresentar esse personagem, a revista anuncia "ex-presidiário, ex-estelionatário, ex-estuprador, ex-esquartejador, está em liberdade condicional e é chefe de torcida organizada" (PLACAR, 1989, p.46). Nessa coluna, a revista reveste-se de humor para reafirmar o estereótipo de que integrantes de torcida organizada são vagabundos e bandidos em sua maioria.

Os anos noventa foram o período em que mais dados sobre a violência foram encontrados, 19 edições no total. O primeiro achado ocorreu na edição 1107, em 1995, em uma matéria sobre o Massacre do Pacaembu entre São Paulo e Palmeiras ocorrido em agosto daquele ano. Nesta edição, a revista relembra alguns outros episódios e propôs algumas medidas de enfrentamento a esse problema, como: legislações, perda de pontos para o clube, proibição de bebidas alcoólicas nos estádios e fim das torcidas organizadas. Em outra página, um colunista da revista ressalta que o compromisso de acabar com a violência nos estádios também deveria ser das emissoras de televisão, por possuírem algo tão importante como as câmeras poderiam ajudar na localização dos vândalos e também conscientizar os espectadores sobre a real situação das torcidas organizadas.

Por fim, na mesma edição, a Placar inicia uma campanha pela paz nos estádios convidando que mais mães frequentem as arquibancadas. Nela, a revista convida jogadores e suas mães para demonstrar que lugar de mãe é no estádio, dessa forma "com a mãe do lado,

ninguém dá vexame, nem se mete em brigas no estádio. Leve sua mãe para torcer com você. Ela sempre fez parte do seu time” (PLACAR, 1995, p.15).

Figura 11 - Campanha pela paz nos estádios com o jogador Zico



Fonte: Revista Placar (1995)

Na edição 1121, em 1996, a revista novamente utiliza do slogan de sua campanha para reafirmar que a violência das torcidas organizadas está como uma guerra sem fim, dessa forma, a paz nos estádios só estaria presente nos textos da campanha. Na edição 1125, em 1996, a revista busca demonstrar como está o policiamento e legislações na Inglaterra, após dois episódios de violência em seus estádios. Com base nisso, tentar descobrir medidas que podem ser repetidas no Brasil. Por fim, a edição 1151, em 1999, demonstra como os preços de ingressos caíram pela metade em todo o país como uma tentativa de trazer os torcedores de volta para os estádios. No Rio de Janeiro, há um novo acordo entre as torcidas e a polícia para que elas possam continuar tendo suas salas no Maracanã e voltar para as arquibancadas, mas para isto elas precisam acabar de vez com qualquer tipo de confusão.

5.1.3 FESTIVIDADE

Nesse quesito nos anos 70 foram encontrados materiais em 14 edições, sendo elas verificadas entre as edições 28 a 505. Além das edições 28 e 357 já comentadas anteriormente, nas edições 404, 405 e 406 também há matérias especiais sobre as torcidas. Nelas, o foco é realizar uma viagem sobre os hinos dos clubes, buscando compreender suas origens, significados e ressignificação da torcida. Além disso, apresenta também outras músicas que embalam os torcedores.

As páginas enfatizam o grande potencial dos torcedores de fazer uma festa e incentivar o seu time. As edições 454 e 473, ao comentarem sobre viagens do time do Flamengo pelo

Brasil demonstram a força dos torcedores em promover um espetáculo nas arquibancadas, independentemente do lugar que esteja. Por exemplo, a matéria da edição 473, em 1978, ao comentar sobre a turnê do time carioca no Nordeste, demonstra esse poder através de imagens de ruas lotadas, trânsito congestionado e multidões cercado os jogadores do time. Esse endeusamento pode ser visto também na edição 505, em 1979, onde é divulgado o filme “Flamengo, Paixão”, obra que retrata a torcida rubro-negra.

Nos anos oitenta, essa temática aparece em 23 edições. A primeira menção ocorreu na edição 536, em 1980, em uma matéria sobre a conquista da Taça de Ouro ao apresentar todas as características do Flamengo que levaram o time à consagração. Entre elas, está a sua enorme torcida, sendo caracterizada pela revista como “amante, alucinante, em permanente estado de graça a fazer ecoar por todos os cantos do país seu grito de guerra e alegria: Mengoooo...” (PLACAR, 1980, p. 8). Essas características também são citadas pela revista na edição 730, em 1984, através da matéria “A turma do barulho”, onde apresenta diversas torcidas organizadas e suas diversas funções nas arquibancadas. São poetas, juizes, festeiros e sabem como ninguém realizar um espetáculo. Demonstram essa força ao comentar sobre o gol¹⁶ do jogador Rondinelle aos 44 minutos do 2º tempo, em 1978, graças a festa e incentivo da torcida, garantindo o título de campeão carioca ao Flamengo.

Outras menções são chamando a festa das torcidas de grandes espetáculos, como nas edições 571, 646 e 679. Na edição 781, em 1985, a Placar fez uma matéria sobre a volta do jogador Zico ao Flamengo após dois anos jogando na Itália, enfatizando a festa feita pela torcida rubro-negra que parou o trânsito da cidade para recebê-lo no aeroporto. Na edição 959, em 1989, o que chama atenção é a imagem de um torcedor rubro-negro com o corpo todo pintado com as cores de seu time e carregando um varal cheio de peixes, remetendo ao time santista e adversário do Flamengo naquela partida. Foram observadas também menções que colocam a torcida como um décimo segundo jogador, sendo responsáveis pela alavancada do time e vitória no jogo.

A edição 610, em 1982, comenta sobre a partida entre Flamengo e São Paulo, onde a torcida atuava de forma majestosa, “ela deu vida nova ao time, despertou os jogadores e os empurrou para a frente. A vitória foi principalmente dela” (PLACAR, 1982, p.10). Essa exaltação da grande festa rubro-negra pode ser observada também na edição 623 através de uma matéria intitulada “Essa galera não joga, mas faz gol”, onde representa o diferencial da

¹⁶ Esse gol é tido como um dos maiores gols do Flamengo em toda sua história, justamente por contar com a torcida atuando junto aos jogadores como se fossem um só.

torcida rubro-negra que sabe diferenciar a hora de vaiar o time e a hora de aplaudi-lo. A torcida como espetáculo é observada também nas edições 646 e 678.

Nos anos noventa foram localizadas quatro menções a essa temática. Primeiramente, na edição 1074, em 1992, ao comentar sobre o título de campeão brasileiro, o goleiro Gilmar exalta o papel fundamental da torcida rubro-negra nesse processo e que carregou o time em todos os momentos, bons e ruins. Essa exaltação pode ser vista na edição 1082, em 1993, ao comentar sobre as obras no estádio Maracanã, demonstra que mesmo tendo que brilhar fora de casa, a torcida do Flamengo faz a festa em qualquer lugar. Por fim, na edição 1109, em 1995, a revista traz dados de pesquisas para demonstrar os times mais queridos no Brasil e demonstra o tamanho desse espetáculo promovido pelos torcedores em todo país, atingindo um a cada seis brasileiros.

5.1.4 CLUBE MAIS QUERIDO DO BRASIL

Como foi observado, a característica de celebração dos rubro-negros anda atrelada a ênfase de sua enorme torcida. Logo, demonstra algo muito repetido pela Placar ao longo de suas inúmeras edições: o Flamengo como o clube mais querido do Brasil. Esse título foi adquirido através de concursos levantados pela Placar para descobrir qual time possuía a maior torcida, sendo o rubro-negro campeão em todas as edições. Logo, nos anos 70 foram analisados 24 materiais referentes a esse tema. Além disso, há diversas menções ao tema na seção Camisa 12 com torcedores se gabando desse título, leitores que buscam descobrir quem vai atingir o topo desse ranking ou provocações de rivais. Esse último aspecto pode ser visto nas edições: 352; 355; 359; 370; 375; 427; 457; 464.

Em uma carta de um leitor de Santa Catarina na edição 359, em 1977, o mesmo expõe um ranking mundial de maiores públicos pagantes em jogos para acabar de vez com essa discussão, ele comenta “dos sete maiores recordes mundiais de público pagante num estádio de futebol, quatro são do Flamengo e três são de jogos da Seleção Brasileira” (PLACAR, 1977, p.64). Por fim, a edição 374, em 1977, a revista tenta explicar como ocorreu a popularização do Flamengo, onde segundo ela ocorreu quando jogadores negros se tornaram grandes ídolos da torcidas, fazendo com o que o time carioca populariza-se, deixando seus traços de time classe média para trás. Essa popularidade seria também alimentada pela rivalidade com outros times nacionais.

Figura 12 - Matéria sobre a torcida rubro-negra na edição 623



Fonte: Revista Placar (1982)

Já nos anos 80, essa temática surgiu em 15 edições. As principais menções, assim como nos anos setenta, aparecem em cartas enviadas pelos leitores que buscavam descobrir quais os times que possuíam as maiores torcidas, como por exemplo na edição 535, em 1980, onde um torcedor busca descobrir as principais torcidas do Rio de Janeiro. Isso também ocorre na seção Camisa 12 das edições 684, 687, 770 e 809. Em uma coluna do Juca Kfourri na edição 623, em 1982, o Flamengo é exaltado como o representante do país, visto que a seleção brasileira estava composta por vários jogadores do time carioca. O jornalista exalta, “Deus no céu, Mengo na terra. Agora, só falta a Lua, Marte...”.

Outras menções ocorrem em matérias onde a revista afirma essa superioridade da torcida rubro-negra, como na edição 536 e 609. Na edição 965, em 1988, através da matéria “Flamengo, uma Nação Rubro-Negra” a revista expõe essa afirmação através de dados de uma pesquisa realizada em todo país. A Placar buscava descobrir times rubro-negros que se inspiravam no time carioca, encontrando 66 times ao longo do Brasil. Já em pesquisas destinadas a descobrir o clube mais querido do Rio de Janeiro, como por exemplo na edição 684, em 1983, o Flamengo ganhou 54% dos votos, enquanto o segundo colocado, o Vasco da

Gama, ficou com apenas 13%. Eles analisaram também por sexo, idade e regiões (capital ou interior).

Nos anos 90, essa temática surgiu em 14 edições. Novamente, esses dados são encontrados em pesquisas que buscam demonstrar quais as maiores torcidas do Brasil. Na edição 1088, em 1993, a revista realiza essa pesquisa e compara com o resultado de 10 anos atrás, demonstrando que a torcida do Flamengo cresceu o dobro, chegando ao número de 24 milhões de torcedores. Ganhando também nas pesquisas estaduais, onde dominam no Rio de Janeiro, Distrito Federal e Ceará. Esse grande número de torcedores fora de seu estado de origem é explicado pela revista como consequência do fenômeno do rádio pelo país, apresentando a tendência de crescer ainda mais com a era televisionada. Isso pode ser observado através de um gráfico exposto pela revista sobre as maiores torcidas e sua divisão por faixa etária, onde o Flamengo domina as faixas de 10 a 24 anos. Além disso, a pesquisa também é feita por camadas sociais, demonstrando que o Flamengo é o favorito nas três classes.

5.1.5 CAMISA 12

Observa-se o grande valor da seção Camisa 12 para a maioria das categorias aqui analisadas. Ao todo, nos anos 70 foram encontradas 16 edições. O 1º material foi encontrado na edição 352, em 1977, mais precisamente em um debate sobre quem possuía mais torcedores no Brasil: Flamengo ou Corinthians. Como foi visto anteriormente, essa discussão se prolonga em diversas edições. Na edição 406, em 1978, é presenciado uma outra função da Camisa 12: a oportunidade de criação de laços entre os leitores. Nesta seção, um torcedor envia uma carta com o endereço de vários torcedores de diversos times com o propósito que fossem enviadas correspondências para essas pessoas, buscando amizades. Compreende-se aqui a importância da Camisa 12 para os leitores/torcedores, onde na década de 70 possibilitou um espaço para discussão de dois aspectos antônimos: rivalidade e criação de laços.

Essas características continuam surgindo nos anos 80, ao todo 28 materiais encontrados na seção Camisa 12 foram analisadas nesse período. Alguns dados foram encontrados na sub-seção 'Escreva para' onde os leitores buscam pessoas para trocar correspondências. Por exemplo, nesta edição, alguns remetentes escrevem para torcedores do Flamengo em busca de algo mais sério. Isso também ocorre na edição 562, em 1981, onde um leitor busca corresponder com chefes de torcida e outro que busca trocar correspondências com torcedores do Flamengo. Outros leitores escrevem para a Placar pedindo o endereço da

sede do Flamengo, jogadores do time e sedes das torcidas, como ocorreu na edição 615, em 1982, onde leitores pedem o endereço da Raça Rubro-Negra.

Já outras edições marcam a rivalidade entre os torcedores, como na edição 572, em 1981. Existem também momentos em que as torcidas organizadas do Flamengo usam a Camisa 12 para divulgar-se, sua sede e seus produtos. Como por exemplo na edição 578, em 1981, quando um membro da torcida Fla-Giant, do Piauí, pede para a revista divulgar seu endereço. Na edição 580, em 1981, a Torcida Jovem Fla agradece ao Placar pela divulgação de seu endereço ao falar que estão conseguindo cada vez mais sócios. Em outro momento, na edição 582, em 1981, a torcida Fla-Hulk de Brasília pede para que a revista divulgue-a. Na edição 589, em 1981, a revista publica uma carta da Jovem Fla que demonstra a influência da Camisa 12 entre os torcedores, onde ela escreve “se não fossem vocês, as torcidas organizadas não teriam nenhuma divulgação” (PLACAR, 1981, p.20).

Dessa maneira, é possível evidenciar aqui a importância da Camisa 12 para as torcidas organizadas, possibilitando que utilizem sua caixa postal 2372 como principal ferramenta de divulgação. Além disso, as torcidas também utilizam a Camisa 12 para divulgar sua organização interna, como por exemplo na edição 608, em 1981, onde um leitor pede para ser publicado como irá funcionar o I Congresso Nacional de Torcidas Organizadas, em 1982, os temas a serem discutidos, locais para acomodação dos inscritos, e outros detalhes. Ainda enfatizam que estão abertos a outras sugestões para melhorar a qualidade do evento.

Em outro momento, na edição 612 em 1982, um torcedor rubro-negro pede para que todas as torcidas organizadas do Flamengo entrem em contato com ela para que seja construído uma rede de interação entre elas em prol do clube. Na edição 641, em 1982, um leitor divulga a realização do I Censo Nacional de Torcidas, tendo como seu objetivo central o cadastramento de todas as torcidas organizadas do país. Na edição 722, em 1984, um leitor também está organizando esse cadastro e para isso, pede para que as torcidas de todo Brasil enviem seus dados. Por fim, o último dado encontrado sobre a Camisa 12 foi localizado nessa mesma edição, onde a seção se encontrava perto do fim.

Nos anos 90, esse ambiente dos torcedores se desfz por completo, visto que não foi encontrado em nenhuma edição. O fim da seção Camisa 12 não teve explicações por parte da revista, mas podemos imaginar que tenha ligações com o aumento das brigas nos estádios e início da marginalização dos torcedores organizados. Ainda sim, é necessário ressaltar que a revista continuou com outras seções de cartas em suas páginas.

5.1.6 TEOR POLÍTICO

Nos anos 70, a busca por materiais referentes a manifestações dos torcedores e um teor político se resumiu a quatro edições. O primeiro achado ocorreu na edição 54, em 1970, quando a insatisfeita torcida levou faixas e cartazes para a Gávea pedindo a demissão do técnico Yustrich devido às constantes falhas na preparação física dos jogadores. Outro momento ocorre na edição 55, em 1970, em uma seção da Camisa 12, ao responder uma carta racista de um torcedor que afirma a superioridade do Fluminense por possuir torcedores que representassem a elite brasileira, enquanto o Flamengo possuía 80% de torcedores negros em sua torcida. A revista argumentou por sua vez reafirmando a importância da população negra para a história deste país e para o futebol, declarando também para o leitor que se ele continuar com esse pensamento não será mais aceito na revista.

Figura 13 - Discussão sobre racismo na edição 55



Fonte: Revista Placar (1970)

A edição 495, em 1979, narra o clima de instabilidade política entre a diretoria do Flamengo e a CBD (Confederação Brasileira de Desportos), antiga CBF (Confederação Brasileira de Futebol), que cercava os corredores do Flamengo após um Fla X Flu. O ponto alto dessa página é a primeira menção a Fla-Gay, inspirada na torcida organizada gremista Coligay: a 1ª torcida gay do Brasil. A revista ainda traz a homofobia do presidente do

Flamengo, Márcio Braga, que ameaçou chamar a polícia para retirá-los da arquibancada. Um dos integrantes da Fla-Gay replica ao chamá-lo de fascista e perseguidor de minorias. Por fim, na edição 505, em 1979, a revista realizou entrevistas com as vencedoras de uma pesquisa com jogadores para descobrir a mulher mais bonita do Brasil. A vencedora foi a atriz Sônia Braga que escancara o machismo presente ao receber o título de símbolo sexual, mas compreende sua participação como uma oportunidade de debater essa questão. Além disso, ainda critica o presidente do Flamengo por suas falas preconceituosas sobre a Fla-Gay. A atriz comenta, “ele jogou uma torcida contra a outra, ninguém tem o direito de impedir as manifestações de grupos” (PLACAR, 1979, p,68).

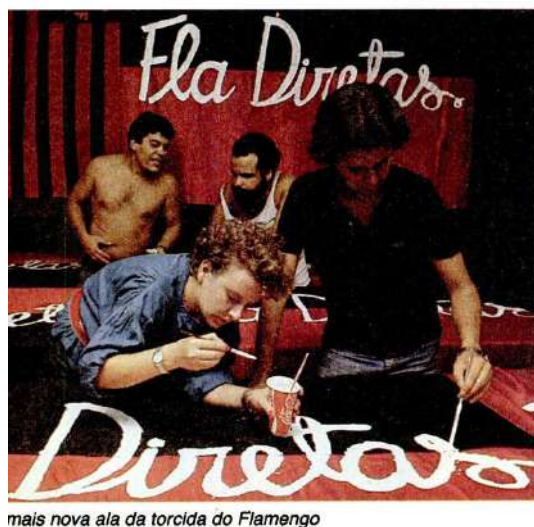
Nos anos oitenta, o número de dados encontrados sobre essa temática foi maior, foram encontradas dados em 25 edições. A primeira menção ocorreu na edição 546, em 1980, quando a revista comenta sobre torcedores do Flamengo que criaram uma música contra o juiz que apitou o jogo contra o Serrano. Diversos foram os dados que apresentaram essas manifestações de insatisfação dos torcedores. Na edição 748, em 1984, a revista comenta sobre a greve realizada pelos torcedores do Flamengo e Fluminense contra a alta dos preços de ingresso, “futebol virou privilégio de rico” ele dizia. Em outro momento, a torcida rubro-negra realiza um protesto contra os cartolas do futebol e leva um caixão simbolizando o fim deles após uma matéria da Placar sobre esquemas de corrupção que envolvia os donos desse esporte.

Outro protesto realizado pelos torcedores é observado também na edição 883, em 1987, novamente em razão do alto preço dos ingressos. Os torcedores dessa vez estavam organizados através da ASTORJ, tamanha força dessa união e associação fez efeito culminando na criação de um acordo com os dirigentes dos clubes para que o preço voltasse ao normal. Ademais, existem outros achados que podem ser relacionados com essa união e formalização das torcidas organizadas, podemos citar momentos em que torcedores buscam alianças para unificar as torcidas organizadas. Isso pode ser compreendido como uma forma encontrada pelos torcedores de institucionalizar as torcidas e aumentar sua atuação como um grupo social importante da sociedade.

Na edição 715, em 1984, em uma matéria sobre o movimento de Diretas Já dentro do futebol, a revista comenta sobre como os jogadores, torcedores e outros indivíduos que vivem do futebol estão se organizando nesse período tão importante da história brasileira. Entre as torcidas apresentadas pela revista, a recém-criada Fla-Diretas é citada pela 1ª vez, criada por estudantes que possuem como padrinhos a atriz Christiane Torloni e o jogador do Flamengo Figueiredo. A revista comenta sobre os seus planos de atuação e também do uniforme,

desenhado pelo humorista Henfil. A camisa do Fla-Diretas é estampada com um urubu, símbolo do clube, carregando uma cédula de voto na boca. O grupo é citado novamente na edição 726, em 1984, em uma breve aparição na secção de imagens da revista.

Figura 14 - Fla-Diretas na edição 726



Fonte: Revista Placar (1984)

Uma outra organizada do Flamengo também é citada em matérias sobre o movimento de Diretas Já, a Falange Rubro-Negro, manifestando-se através de uma reportagem sobre um comício realizado no Rio de Janeiro que contou com a presença de duas torcidas: a Falange e a Young-Flu, do Fluminense. Na edição 749, em 1984, na matéria “A tancredada do Fla” sobre a Taça Guanabara, a revista ainda afirma que o adversário do Flamengo, o Fluminense, “malufou” ao perder o jogo. Esses trocadilhos em tal momento da história política do país, ressaltam a veia crítica de seus editores. Nas páginas seguintes, a Placar apresenta imagens da torcida rubro-negra que levou enormes faixas para as arquibancadas, demonstrando seu apoio a candidatura do Tancredo Neves.

Nos anos noventa foram encontrados 21 materiais referentes a essa temática. O primeiro dado foi encontrado na edição 1049, em 1990, ao apresentar os estudos sobre futebol do sociólogo Maurício Murad, uma das principais referências no assunto. A revista comenta sobre o seu grupo de estudos sobre sociologia do futebol e seu objetivo de incluí-lo cada vez mais na academia. Para que assim, seja possível compreender e solucionar problemas advindas dessa manifestação popular.

Outras menções foram localizadas na edição 1088, em 1993, onde ao descobrir a grande popularidade do Flamengo em pesquisas referentes a maior torcida do país, a revista procura então encontrar os porquês dessa popularização. Segundo ela, duas importantes

figuras do rádio foram responsáveis por esse processo: Ari Barroso e Mário Filho. Ambos fizeram com que pessoas de diversas classes sociais e em diversos cantos do país tivessem conhecimento sobre o time carioca. Sobre sua enorme torcida a revista comenta (PLACAR, 1993, p.12)

Por todo o país, a paixão é a mesma. Do Oiapoque ao Chuí, a flamante camisa listrada de vermelho e preto leva ao delírio milhares de adeptos. Afinal, o amor dos flamenguistas pelo futebol não se restringe a ver a bola bem tratada ou a assisti-la tocando a rede mansamente na hora do gol. Ser rubro-negro é, desde sempre, uma religião, que transforma os estádios em um grane carnaval fora de época.

Por fim, outras edições abordam em suas páginas a questão da violência nos estádios e a falta de punições para tais ações. Na edição 1111, em 1996, através da coluna do músico Canisso, o mesmo entende que essa violência vem de uma necessidade dos jovens colocarem para fora as diversas mudanças que estão acontecendo nesse período da vida e compreendendo o futebol como uma desculpa para participar desse mundo. Outros achados estão em edições que comentam sobre protestos da torcida contra o alto preço dos ingressos e manifestações negativas da torcida diante do péssimo rendimento do time. Por exemplo, na edição 1157, em 1999, a insatisfeita torcida rubro-negra joga moedas no campo ao chamar os jogadores de mercenários devido ao time perder três jogos seguidos e ao mesmo tempo ter em seu time jogadores de salários milionários, como o atacante Romário.

5.1.7 RIVALIDADE

Como observado anteriormente em outras categorias, o tema rivalidade foi muito discutido nos anos 70. Foram selecionados nove materiais para esse tema, como por exemplo na edição 375, em 1977, onde um leitor propõe fundar uma Associação de Torcedores Alérgicos ao Flamengo ou em outras edições onde há discussões entre torcedores do Flamengo e Corinthians. A maioria dos materiais encontrados estavam localizados na seção Camisa 12, graças ao seu espaço de trocas entre os torcedores. Já nos anos 80, essa temática apareceu em 10 edições. A maioria dos achados são referentes a discussões e provocações entre os torcedores, como nas edições 578, 591, 687.

Através da edição 670, em 1983, é explicado na coluna de Marco Aurélio Borba que o surgimento dos principais mascotes do futebol brasileiro foi adquirido por meio de apelidos pejorativos ganhos em razão da rivalidade entre os times. Cita que o Flamengo ganhou o nome de urubu devido ao racismo e preconceito por conter em seu time jogadores negros e “da ralé”, mas ressalta que souberam como contornar a situação ao adotar esse símbolo como seu poderoso mascote. Por fim, nos anos 90 é encontrado apenas um dado sobre essa

temática. Na edição 1111, em 1996, através de uma matéria sobre a violência entre torcidas organizadas. Lá, a revista evidencia a dificuldade para encontrar medidas eficazes para acabar de vez com esse problema e com a crescente rivalidade entre as torcidas.

5.1.8 LAÇOS SOCIAIS

A categoria de Laços Sociais foi identificada durante os anos 70 em 14 edições, sendo observada em páginas sobre as relações entre torcedores, associativismo e momentos em que a ritualística do mundo futebolístico estava a florada. Na edição 473, em 1979, o jornalista João Saldanha busca afirmar que o que formam as grandes torcidas, como o Flamengo, são os seus ídolos. Segundo ele, “quem faz o torcedor, antes do clube, é o ídolo”. É ele quem traz gente para o clube. O clube só se torna uma espécie de mística se contar com grandes ídolos na trajetória de sua atividade” (PLACAR, 1977, p. 40). Além disso, aparece em matérias que buscam desmembrar as músicas que embalam as arquibancadas e todas as emoções que envolvem esse ritual, como nas edições 404, 405 e 406.

A edição 473, em 1979, também apresenta momentos em que é reafirmado essas emoções do torcer. Ao narrar como foi a excursão do Flamengo no Nordeste, a Placar entrevista um torcedor que percorreu 140 quilômetros para ver o time jogar e outro torcedor que nomeou seus dois filhos com nome de jogadores do Flamengo. Ademais, a revista ainda compara as ações da chegada do Flamengo com a chegada de circo em uma cidade, em que permanece por sete dias e depois vai embora deixando uma massa de torcedores deslumbrados para trás. Por fim, outras menções podem ser vistas na seção Camisa 12 quando leitores mandam correspondências procurando amizades, buscando parcerias para a criação de uma torcida organizada e também em busca de pretendentes flamenguistas para iniciar um relacionamento amoroso.

Já nos anos 80, essa temática foi observada em 40 edições. No início dessa década, a Placar lançou um dicionário que continha dizeres comuns do mundo futebolístico, apresentando os significados de palavras que só os torcedores pronunciavam. Podemos citar também na edição 602, em 1981, a matéria “Para quem torcem os meninos do Brasil” onde pesquisas foram realizadas para descobrir a torcida mais popular entre 1200 crianças entrevistadas. A pesquisa foi separada por estados, sendo que no Rio de Janeiro a maioria das crianças torcem para o Flamengo e essa torcida é em grande parte por influência dos pais ou outros familiares. Esse amor que passa de pai para filho é abordado também pela revista em outras edições.

Atrelado a isto, na edição 623, em 1982, ao comemorar o título do Flamengo de campeão brasileiro, a revista produz uma matéria sobre todos os esforços e paixões que movem essa massa, como perder o emprego ou ganhar dívidas para ver o time jogar em outros estados. Ao entrevistar um torcedor, ele compara a sua relação com o time como uma relação de um pai com o filho. Na edição 678, em 1983, realiza uma matéria sobre os torcedores intitulada “Os craques da arquibancada”. Nela, discute sobre os diversos estilos de torcer, desde o torcedor mais calmo ao que pinta o corpo todo para ir ver um jogo de seu time.

Na edição 746, em 1984, há uma outra matéria sobre os sentimentos que movem os torcedores. Sob o título de “Loucamente apaixonados”, ela apresenta histórias de paixão dos torcedores através de imagens. Em uma matéria sobre uma partida da Libertadores na edição 603, em 1981, a revista reafirma a força e pluralidade da torcida rubro-negra. Reafirmando que nela estão todas as camadas sociais, todas as profissões e representam todos os brasileiros. Ao comentar sobre a chegada do jogador chileno, Cobreloa, eles escrevem: “ali ele passaria a entender que aqueles milhares e milhares de mãos a agitar-se no ar em direção ao corpo do herói Zico eram mãos de operários, ricos, desempregados, doutores e marginais. Irmãos de uma só fé - a da democracia rubro-negra” (PLACAR, 1981, p.20).

Além disso, na edição 646, em 1982, a revista analisa todas as mudanças presentes nos estudos sobre futebol, onde tal manifestação cultural passaria a ser compreendida como um “dado cultural da sociedade brasileira”. A revista então discorda, enfatizando que o futebol não é apenas um dado cultural, mas um dado progressista, transformador e revolucionário. Não só no Brasil, mas no mundo inteiro. E as torcidas nesse aspecto, são importantes atores e membros ativos desse dado.

Nos anos 90, dados sobre essa temática foram encontrados em seis edições. A maioria deles mencionando a troca de correspondências entre torcedores e torcidas organizadas. Na edição 1109, em 1985, na matéria “Paixão Rubro-Negra” realiza um recorte histórico sobre a fundação do Flamengo e o início de seus anos de glória. Criado no dia 17 de novembro de 1885, a revista conta todos os detalhes de como o clube de remo se tornou um clube de futebol. Na mesma edição, realiza uma matéria com torcedores apaixonados que contam sobre sua relação com o time e as arquibancadas a partir de histórias inacreditáveis. Outros achados foram observados em edições que buscavam ouvir os torcedores e suas opiniões sobre o assunto de violência nos estádios.

5.1.9 ORGANIZAÇÃO

Os dados sobre organização dos torcedores nos anos 70 foram encontrados na Camisa 12 através da divulgação das torcidas, endereços e o convite para novos membros. Nos anos 80, os dados foram encontrados em 29 edições, sendo a maioria deles também localizados na secção Camisa 12. O primeiro achado foi visto na edição 580, em 1980, através de uma carta da Torcida Jovem divulgando o endereço de sua sede. A Jovem Fla aparece na Camisa 12 em diversas edições, seja pedindo que seu endereço e produtos fossem divulgados ou com outros leitores pedindo este endereço. Foram localizadas também iniciativas dos torcedores em formar organizações estaduais e nacionais, como por exemplo o Congresso Nacional de Torcidas Organizadas e Censo Nacional de Torcidas Organizadas, citados nas edições 608, 641, 700 e 722.

Outro momento de associação entre torcedores é presenciado na edição 883, em 1987, onde a ASTORJ é citada pela 1ª vez na revista. Por fim, nos anos 80 foram encontrados apenas dois dados sobre essa temática. Na edição 1050, onde ocorre uma menção a sede da ASTORJ, e na edição 1151, em 1999, ao comentar sobre manifestações contra o preço dos ingressos realizadas pelas principais torcidas organizadas do Rio de Janeiro.

5.1.10 TORCIDAS ORGANIZADAS

As Torcidas Organizadas do Flamengo foram mencionadas 14 vezes entre as 505 edições lançadas nos anos 70. A 1ª menção ocorreu na edição 354, em 1977, através da carta de um leitor convidando a todos os flamenguistas a se juntarem à organizada Fla-12. A Camisa 12 também é utilizada por leitores que querem fazer parte de alguma organizada do Flamengo. Em outros momentos é mencionado em páginas onde a Charanga Rubro-Negra é citada, como nas edições 357 e 401. Na edição 367, em 1977, um torcedor envia uma carta a fim de encontrar uma torcida organizada do Flamengo em São Paulo. Em algumas edições seguintes, envia uma nova carta comentando que foi um sucesso e que estava recebendo dezenas de correspondências de torcedores interessados em formar um grupo. Outras correspondências expõem torcidas organizadas que até então eram de conhecimento da revista, como a FlaChopp e Dragões Rubro-Negros.

Nos anos 80, as torcidas organizadas do Flamengo aparecem em 68 edições. Esse grande número está relacionado ao fato de que os anos oitenta é conhecido como a década de explosão das torcidas organizadas devido a algumas transformações, como: subdivisões das torcidas, criação dos pelotões e o surgimento de grandes lideranças. A primeira menção ao

tema ocorreu na edição 536, em 1980, na Camisa 12. Lá, a Jovem Fla utilizou do espaço para convidar os torcedores rubro-negros para se inscreverem na torcida. Isso foi observado na maioria das edições observadas, demonstrando como a Camisa 12 foi utilizada para o bem das organizadas. Outras menções ocorreram quando torcedores enviaram cartas pedindo para trocar correspondências com membros ou representantes de algumas torcidas rubro-negras.

Existem também edições que foram encontradas em materiais especiais da revista, como na edição 592, em 1981 através de uma entrevista com o jogador Leandro. O lateral direito, ao contar sua história, comenta que saiu das arquibancadas como integrante de torcida organizada do Flamengo para os atuar nos gramados, tornando-se um dos maiores ídolos do time. Outras menções ocorrem em páginas que comentam os jogos do Flamengo, pontuando a grande festa promovida pelos torcedores organizados. E por fim, podem ser vistas em matérias que comentam sobre a violência nas arquibancadas e sobre o envolvimento de algumas torcidas organizadas do Flamengo nesses episódios.

Nos anos 90, as menções a torcidas organizadas do Flamengo caem drasticamente, visto que só foram localizadas em seis edições. Essa mudança pode ser explicada por três aspectos: extinção da seção Camisa 12, fim da publicação semanal da revista e os anos 90 representar o período mais violento das arquibancadas. O primeiro achado foi observado na edição 1050, em 1990, na seção de cartas onde um membro da ATORFLA pede para que a revista divulgue o seu novo endereço e sua procura por novos membros. Na edição 1091, em 1994, através de uma retrospectiva do Flamengo, a revista relembra o nascimento da Charanga Rubro-Negra, a primeira torcida organizada do Flamengo. Além disso, foram localizadas duas menções sobre a Raça Rubro-Negra, sendo uma delas em uma entrevista com a dupla Claudinho e Buchecha.

Figura 15 - Quadro com a identificação de todas as torcidas organizadas encontradas nas edições analisadas

Torcida Jovem do Flamengo	Torcida Jovem Brasiliense do Flamengo
Charanga Rubro-Negra	Fla-Minas
Raça Rubro-Negra	Fla-Chester
Fla-Giant	FlaChopp
Fla Hulk	Flamante
Fla-Fla de Belém	Fla-Diretas
FlaGay	Fla-Fiel
Fla-Manga	Falange Rubro-Negra

Confraria da Nação Rubro-Negra	Dragões Rubro-Negros
Fla-Força	Clube dos Flamenguistas
ATORFLA	Fla-Roxa

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

5.2 ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

Primeiramente, para garantir o anonimato dos entrevistados foi atribuído a eles nomes fictícios como forma de facilitar a discussão dos resultados provenientes de seus relatos. Através da pergunta inicial, buscou-se compreender as motivações que levaram os entrevistados a se identificarem e quererem participar dos grupos, reafirmando a importância dos laços sociais que compõem os indivíduos para esse “rito de passagem”. Os dois membros do Flamengo da Gente, João e Marina, se assemelham em diversos aspectos: ano de ingresso ao movimento, motivações, entrada no grupo por influência de terceiros e serem membros da mesma organizada. Essa admissão por convite não é o padrão quando se refere ao FdG, visto que na maioria das vezes existe um processo seletivo onde os interessados preenchem um formulário e depois passam por uma aprovação dos recrutadores. As motivações dizem respeito a identificação com pautas de caráter social do grupo, sendo elas a resistência à eleição de Jair Bolsonaro em 2018 e ações em defesa dos meninos do ninho.

O terceiro entrevistado, Gustavo, integrante da Nação 12, também se assemelha nesse quesito ao comentar que seu interesse na torcida se deu em 2015 através do reconhecimento no modelo de torcer presente neste grupo e sua similaridade com as barras bravas¹⁷ argentinas. Diferente dos membros do FdG, não é um integrante ativo do grupo devido ao fato de não residir na capital do Rio de Janeiro, logo dificulta sua participação em reuniões, ações e jogos com a organizada.

Figura 16 - Apresentação dos entrevistados e suas respectivas torcidas

João	Flamengo da Gente Ex- associado da Torcida Jovem Fla
Marina	Flamengo da Gente e Nação 12
Gustavo	Nação 12

¹⁷Movimento de torcedores com enorme influência na América Latina, portando algumas aspectos característicos, como “cânticos com um ritmo bem particular, de estilos de apoio coreográfico e de uma peculiar cultura material das arquibancadas-bandeiras, trapos, bumbos, faixas, micro guarda-chuvas, entre outros adereços (HOLLANDA, 2017, p. 14).

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Quando questionados sobre a organização, instrumentos de ação e principais pautas desses grupos foram obtidas respostas sob diferentes olhares. No Flamengo da Gente tal aspecto foi observado através da fala dos entrevistados ao afirmarem que não há presidência e outros postos de lideranças. O que existe são subgrupos que se dividem de acordo com planos de atuação com coordenadores. Por exemplo, um grupo é encarregado de ações sobre a campanha do “Não Esquecemos”, outro está voltado para ações nas ruas, luta antirracista, ouvidoria, entre outros. Dentro deste âmbito também existem frentes de atuação que buscam articular e inserir pautas referente às bandeiras levantadas por eles, são elas: frente LGBTQIA+, de esquerda, mulheres. O que é enfatizado por eles é o fato de haver uma diretoria executiva formada por membros antigos e que é eleita por votação. Já Gustavo da Nação 12, afirma que a organização é sim composta por uma presidência e diretorias. Além disso, devido ao fato da organizada ter sub sedes em outras cidades e estados, existem monitores que exercem a função de liderar o grupo naquela região.

As ferramentas de engajamento dos três entrevistados coincidem ao apresentar as ações de presença como importante ferramenta, seguida de participação em atos políticos e que defendem as causas dos torcedores. Para mais, são citadas ações de panfletagem nos entornos dos estádios, redes sociais e grupos de Whatsapp. É muito ressaltado por Gustavo que as próprias arquibancadas são usadas como ambientes de propagação das pautas do grupo. Apesar de observarem a internet como importante instrumento para divulgar o grupo, é no “corpo a corpo” que estaria o foco. O próprio cita alguns desses momentos, sendo eles panfletagem em apoio a candidatura do Fernando Haddad, em 2018, apoio aos professores e a causa por um futebol mais popular.

Já as pautas que marcam essas práticas, segundo os entrevistados são “construção de um Flamengo mais popular e democrático” através de pautas populares, contra todos os tipos de violência e pela popularização do futebol. Lutas sociais que representam a essência do time é muito enfatizado por todos os interrogados. Além disso, existem também pautas que marcam conflitos atrelados ao próprio clube, como as campanhas “Stuart Vive” e “Não Esquecemos”. Seguindo este assunto, ambos ressaltam que seus grupos não possuem relações com a diretoria do clube, apenas alguns membros no conselho deliberativo do clube, mas que esses poucos não conseguem provocar um efeito na estrutura e que “no máximo eles se incomodam com a nossa presença lá”. A participação no conselho do clube é uma das três formas de política entre os torcedores e seu time, sendo elas:

aqueles que possuem um conselho deliberativo que escolhe diretamente um presidente; aqueles que possuem um quadro de sócios do clube social (modalidade comum no Brasil, quando o futebol se torna apenas mais um setor do clube como um todo) que elege o presidente do clube; e aqueles que proporcionam poder de voto aos sócios-torcedores a partir da adesão a planos oferecidos pelo clube. Em todos os casos, a relação é mediada pela capacidade financeira dos torcedores, que precisam pagar para serem sócios do clube ou sócios-torcedores (GOMES, 2020, p.62-63).

Ainda é ressaltado que a diretoria do Flamengo possui “boa” relação apenas com torcidas organizadas antigas e mais influentes, como a Raça Rubro-Negra. Ao serem questionados se sofrem marginalização como os membros de torcidas organizadas, ambos respondem que não. As justificativas divergem, pois o 1º entrevistado, João, cita que não sente esse preconceito pelo simples fato de seu grupo não ser uma organizada, mas que eles sofrem com um outro tipo de marginalização: a política. Cita como exemplo o episódio em que foram barrados de entrar no Maracanã com a bandeira que continha um dos lemas do grupo “A democracia começa pelos mulambos”.

Já Marina cita que essa marginalização pode ser sentida dentro do próprio grupo, e acaba sentindo esse preconceito em razão de fazer parte dos dois lados. Ela ressaltava que esse tratamento é acompanhado por um desconhecimento sobre o tema, onde “a grande maioria do FdG acha que somos todos um só, a torcida organizada é vandalismo, quebra tudo, mas são várias organizadas dentro do Flamengo e cada uma tem sua ideologia”. Por fim, Gustavo, realiza uma reflexão sobre as origens desse desprezo, onde segundo ele pode ser compreendida como uma consequência do neoliberalismo e o processo de elitização do futebol. Observando nas próprias torcidas uma acomodação desse problema, “eu percebo que é uma batalha difícil de se confrontar e aí eu vejo que muito das vezes o discurso da liderança é de ter que se adequar a esse modelo que o futebol é um negócio”.

Ao discutirem sobre as novas lideranças e as novas formas de torcer, buscou-se identificar as diferenças entre ele e as torcidas organizadas. Duas respostas seguiram a mesma linha de pensamento ao afirmarem que essa diferença está no objetivo que move os grupos. As organizadas existem e sobrevivem pelo sentimento de apoiar o time, já os novos movimentos de torcedores existem por causa de suas pautas progressistas. Apesar disso, ressaltam que ambos possuem similaridades. A diferença também pode ser vista no fato do 1º grupo ser mais festivo e também por haver uma diversidade de propósitos em seu interior, segundo Gustavo (2022)

As torcidas organizadas do Flamengo tem essa marca que é torcer e ir para a arquibancada, sendo cada torcida com o seu feitiço. Você tem torcidas que prezam pela festa, mas tem ali na veia a marca da briga, violência, força física nas ruas contra os seus oponentes. Você tem torcidas Chopp, que prezam apenas a festa. Esse é um ponto, assim eu observo as torcidas organizadas do Flamengo. Já os movimentos como o FlaAntifa e FdG são movimentos de torcedores rubro-negros

que simpatizam com pautas progressistas, sendo que esses movimentos não tem nenhum intuito de ir para a arquibancada e ir fazer uma festa.

Por fim, Marina, que faz parte dos dois grupos, afirma que a diferença é política, onde um grupo é politizado e o outro não, mas ressalta que há diferenças entre essa segunda opção. Por exemplo, a Nação 12 é apolítica, mas, segundo ela, defende o lado certo. Sendo esse um jeito justo de torcer, pois “você pode tanto fazer parte do FdG lutando por coisas que você acredita e lutando pelo bem do Flamengo e sendo apolítico pelo lado certo, pela nossa maneira”. Quando questionados sobre a influência do passado das torcidas organizadas para os movimentos de torcedores, as respostas se divergem. João por sua vez reflete essa relação por meio de um recorte histórico das organizadas do Flamengo e como hoje as pautas progressistas perderam espaço dentro dela. Exemplificando essa situação ao comentar que hoje muitos membros da Jovem Fla balançam a bandeira do Che Guevara sem saber quem é essa figura e qual sua importância. Segundo ele,

A própria torcida jovem recebeu uma série de nações para a ECO-92, em um jogo do Flamengo, onde havia diversas figuras de potências do norte, países hegemônicos. A Torcida Jovem estende faixas se dizendo marxistas leninistas, apoiando Cuba e com as figuras de Che Guevara, Fidel e Mao Tse Tung. Dos anos 90 em diante, começa o auge das brigas de torcida e momentos violentos, fazendo com que isso se perca bastante. Essa questão de você brigar e ser uma torcida territorialista começa a suplantando as pautas sociais das torcidas. Você já chega nos anos 2000 com as torcidas querendo ou não fazendo uma política de boa vizinhança.

Em relação a essa influência, Marina considera como conflituosa, pois ainda permanece dentro das organizadas regras do passado de “ não pode isso e não pode aquilo”, citando como exemplo a Jovem Fla proibir torcedores que usam brinco de frequentar as caravanas. Já Gustavo observa essa relação como positiva, segundo ele, esse passado ajudou as torcidas organizadas a se tornarem um grupo social de efeito na sociedade e com voz em acontecimentos políticos. Na mesma linha de pensamento, ao serem questionados sobre a relação entre democracia e movimentos de torcedores, ambas as respostas foram positivas onde todos observam e vivenciam essa pauta em seus grupos. O 1º entrevistado, João, afirma a importância de se trabalhar com essa pauta, principalmente em períodos de incerteza política e quando seu próprio clube une laços com figuras que são tidas como tudo que eles lutam contra. Segundo ele,

É algo muito complicado. Acho que a gente precisa bater muito nessa tecla porque você ter uma ferramenta tão poderosa quanto é o Flamengo, movendo massas de um quinto da população do país, de repente uma diretoria utilizar isso de forma banal para conchadas ou se associar a pessoas que realmente não tem menor interesse ou compromisso com a democracia é algo onde a pauta tem que estar muito latente para não deixar isso acontecer.

Marina percebe essa relação mais forte em sua torcida organizada e não no FdG, demonstrando essa razão com o fato de terem sido a 1ª organizada do Flamengo a se posicionar contra o Jair Bolsonaro, em 2018, através de uma publicação no Facebook por acreditarem que “ele vai contra tudo o que o torcedor do Flamengo é: preto, pobre, gays, mulheres e de classe baixa”. Já Gustavo, compreende essa relação como uma tentativa dos torcedores para travar lutas dentro da estrutura do futebol ao longo das décadas. Essas tentativas surgem e ressurgem, acompanhando os acontecimentos presentes na sociedade, segundo ele “em um momento esses movimentos estavam hibernando e como há uma necessidade de se confrontar dentro dessa nova correlação de forças, existe um movimento de passar e entrar novas caras”.

Por fim, responderam a pergunta mais importante de toda entrevista, coincidindo a resposta entre eles. Todos respondem de modo afirmativo, ao serem perguntados se movimentos de torcedores podem ser considerados como movimentos sociais. As justificativas apresentadas demonstram a compreensão de que as estruturas não apenas são parecidas, mas são movidas pelo mesmo objetivo. Isso é tão forte que até se identificam mais como um movimento social do que um grupo de torcedores, como pode ser observado na fala do 1º entrevistado, “quando me perguntam o que é o Flamengo da Gente, a primeira coisa que eu vou falar é que é um movimento social”. Além disso, Gustavo compreende essa ligação ao falar que os torcedores encontram nesses novos grupos formas de expressar suas demandas e objetivos, sendo o principal deles a capacidade de lutar contra problemas que afetam toda a sociedade. Enfatizando que eles se tornam atores essenciais em um setor da sociedade que não é tido como sério o bastante para ser político: o futebol e as arquibancadas.

Entre os assuntos que surgiram espontaneamente, João comenta sobre a criação do grupo Flamengo da Gente. Segundo ele, o grupo surgiu com o intuito de preservação da memória política e popular do clube e cita como exemplo uma publicação nas redes sociais sobre Nando Antunes, irmão de Zico, que foi perseguido durante a ditadura. A própria venda de camisas com o escrito “A democracia começa pelos mulambos”, em prol de uma homenagem ao Stuart Angel, demonstra esse propósito. Novamente, evidencia que o Flamengo em sua história dialoga com as raízes do povo brasileiro. Além disso, comenta sobre a aproximação da diretoria do clube com o até então presidente, Jair Bolsonaro, em 2021. Seguindo ele,

O Flamengo sempre tratou como política institucional fazer aquela política da boa vizinhança, mas assim, o que a gente tem visto com o governo Bolsonaro não tem procedência. O clube deu títulos de beneméritos para generais da cúpula desse governo, aceita a presença deles em camarotes com honrarias em nossos jogos, o próprio nosso vice-presidente de futebol é um político candidato pelo partido do

presidente Bolsonaro. Então, é assim, o Flamengo vem sendo totalmente colocado à mercê de interesses desse grupo político. Isso realmente nunca aconteceu.

Ademais, comenta sobre a Torcida Jovem do Flamengo, onde foi membro de carteirinha por dez anos. Sua dissidência ocorreu em 2010, momento em que se iniciaram as punições severas às torcidas e ele sentiu medo de estar no meio de uma eventualidade, acabando sendo banido dos estádios. Apesar disso, continuou frequentando a torcida até 2018 quando tomou conhecimento da Nação 12, principalmente devido ao seu engajamento político na eleição presidencial daquele ano. Em seguida, passou a fazer parte daquele grupo sem se associar. A explicação para isto é a falta de uma organização das organizadas em relação a necessidade de criar-se um embate político e jurídico em relação ao tratamento de diversas esferas recebido por eles nas últimas décadas. Argumenta que,

É muito bizarro você ver a polícia militar sendo um quase órgão fiscalizador, regulador. Então foram realizados termos de conduta com o ministério público e nem tem isso muito explícito lá, mas tem uma porção de regras que a PM vai criando. Cria regulamento que se, para cada bandeira você tem que ter, sei lá, 30 associados inscritos. Para ter instrumento você tem que ter tantos inscritos. É uma série de coisas esdrúxulas. Todo jogo você tem que comprimir uma série de burocracias, de comparecer a uma série de reuniões com eles que não dá em nada. Isso gerou para as torcidas organizadas uma regulação e uma perseguição, onde punições arbitrárias são impostas.

Marina, por sua vez, apresentou mais dados sobre como ocorre a seleção de membros do Flamengo da Gente, segundo ela existem no movimento em torno de 3 mil a 4 mil integrantes sendo divididos por subgrupos. Apresenta também mais detalhes quando abordada sobre a marginalização dos torcedores, comenta sobre como a Nação 12 lida com esse problema. Segundo ela, eles se afastam de tudo que pode prejudicar os torcedores e alimentar esse estereótipo negativo de torcedores como indivíduos violentos e arruaceiros. Ainda sim, acredita que o problema da violência vai continuar nas organizadas, pois “existem muito essas coisas de vaidade e ego entre duas torcidas, dessa forma, é difícil tirar isso e colocar na cabeça dessas pessoas e dessas organizadas que não precisa ser assim, mudar todo um sistema”. Ressalta a influência dos Hooligans, na Inglaterra, nesse processo, onde observa eles como um espelho a ser seguido. Lutar contra o fascismo junto ao futebol, só que sem violência.

Além disso, comenta que a Nação 12 possui bom contato com representantes da ALERJ e ANATORG. Segundo ela, “Qualquer briga que, infelizmente, o BEPE¹⁸ joga gás de pimenta na sua cara é lógico que eles não vão acreditar. A gente pega essa filmagem e leva na ALERJ, fala com o pessoal da ANATORG e eles conversam, dão uma punição. É assim que funciona, mas nada que seja imposto. É tudo interno.” Por fim, Gustavo apenas comentou

¹⁸ Batalhão Especializado de Policiamento em Estádios da Polícia Militar do Rio de Janeiro.

sobre a falta de mulheres em papéis de liderança na Nação 12. Cita que na torcida organizada Urubuzada houve uma eleição recentemente para mudança de chapa, onde a chapa vencedora é composta por uma mulher.

Apresentado os resultados provenientes das entrevistas, ressalta-se o perfil crítico dos entrevistados e suas percepções de um futebol para além do jogo, no qual observa-se em seus respectivos grupos uma oportunidade de construir uma nova forma de torcer, mais inclusiva e democrática. A partir da identificação como movimento social, suas pautas e ferramentas de atuação, buscam provocar mudanças não só nas arquibancadas, mas que afetem toda a sociedade, rompendo barreiras, estereótipos e preconceitos advindo desses ambientes. Além disso, a partir de suas falas foi possível observar uma semelhança entre o passado político das organizadas e os novos movimentos de torcedores. Em relação às ferramentas de engajamento, ressalta-se as ações de presença nas arquibancadas e a influência das redes sociais nesse processo. Por fim, podemos observar que essa reinvenção do torcer a partir das falas dos três entrevistados é essencial para a construção de não só um Flamengo mais popular e democrático, mas todo o futebol e as arquibancadas.

6. CONCLUSÃO

A partir dos dados apresentados é possível concluir que a atuação política dentro das torcidas organizadas do Flamengo sempre existiu, diversificando em suas formas e ferramentas de atuação. A análise documental da Revista Placar possibilitou o reconhecimento de múltiplas identidades, individuais e coletivas, dos torcedores rubro-negros. Além disso, conclui-se o importante papel desse periódico para as torcidas organizadas do Clube de Regatas do Flamengo. Através da afirmação do Flamengo como clube mais querido do Brasil em suas páginas e concursos, evidencia o enorme tamanho desta torcida que abrange todas as capitais do Brasil.

Através da seção Camisa 12, as torcidas encontram nesse ambiente uma chance de divulgar e criar laços com outros torcedores. Sendo possível, criar identidades coletivas compartilhadas entre seus membros. Dessa forma, através dos dados encontrados nas 10 categorias de análise (violência; festividade; teor político; laços sociais; rivalidade; organização; torcedoras; maior torcida do Brasil; Camisa 12; torcidas organizadas) foi possível perpassar pelos aspectos que regem o torcer desses indivíduos.

Nesse entendimento, as torcidas de futebol no país foram percebidas como importantes figuras de socialização, onde por meio da construção histórico social das torcidas

organizadas e suas trajetórias dentro das páginas da Revista Placar foi possível observar como elas se alteram durante as décadas, principalmente em períodos importantes da história nacional. O pioneirismo dos grupos Fla-Diretas e Flanistia durante o processo de redemocratização do país demonstra que os torcedores precisam ter consciência de sua voz enquanto parte representativa da sociedade, atuando em favor do processo de democratização do país e demonstrando que o futebol vai muito além do torcer.

A partir dos resultados obtidos pelas entrevistas, sendo unânimes quando perguntados sobre a relação entre movimentos de torcedores e movimentos sociais, podemos considerar que os integrantes dos novos movimentos de torcedores se organizam e se identificam como movimentos sociais, como observado na seguinte fala “quando me perguntam o que é o Flamengo da Gente, a primeira coisa que eu vou falar é que é um movimento social”. Utilizando desse espaço para exhibir demandas em um setor da sociedade que não é reconhecido como sério o bastante, tais grupos demonstram a partir de suas organizações internas e ferramentas de engajamento e pautas que as semelhanças presentes entre eles e os movimentos sociais são diversas. Ademais, nesse propósito, reafirmam a necessidade de uma interlocução entre os coletivos de torcedores e as torcidas organizadas, onde ambas entendam que seus interesses provocam mudança em toda a estrutura a partir de uma maior participação desses torcedores.

Além disso, é necessário o reconhecimento de outros para que os torcedores de futebol possam ser encarados cada vez mais como movimento social. Partidos progressistas, movimentos sociais e outros grupos de mobilização precisam compreender os torcedores como atores políticos. Nesse ambiente, ressalta-se a importância da internet e redes sociais para esses grupos, apropriando-se desse meio, de suas ferramentas e seu poder de ação. Como observado nas entrevistas e apresentação dos novos movimentos de torcedores, tais grupos utilizam das redes sociais como importante ferramenta que possibilita novas formas de ativismo, como o uso de hashtags e twitaço.

Exemplos como a ANATORG, fundada em 2014, demonstram o interesse dos torcedores em institucionalizar-se a partir de um maior diálogo entre eles e perante a sociedade. Tal propósito de união entre os torcedores não é algo apenas atual, visto que foram encontrados dados em diversas edições da revista Placar sobre tentativas de organização entre eles através da criação do Censo Nacional de Torcidas e Congresso Nacional de Torcidas Organizadas, ambos na década de 80.

Dessa forma, é essencial que tais indivíduos tomem consciência do alcance que elas podem atingir através de uma orientação política e mais crítica. Encerrando qualquer tipo de

disputa que pode haver entre esses grupos, sejam elas de interesse ou representação. Através dessa identificação como movimento social, ampliar suas pautas para atingir toda a sociedade. Deixando para trás o seu estigma de marginalização, fazendo com que suas aparições na mídia não sejam mais em relação a atos violentos, mas sim retratando seus grandes feitos de mobilização e ação entre os torcedores.

Além disso, ressalta-se a importância de discutir sobre a atuação política dos torcedores na academia, aumentando a baixa bibliografia existente sobre essa temática e construindo novas possibilidades para esse campo. Podemos citar como pioneirismo e relevância os trabalhos do GEFuT (Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas - UFMG) e LEME (Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte - UERJ) na produção de pesquisas sobre os torcedores de futebol, atuando conjuntamente com pesquisadores do futebol e integrantes das torcidas organizadas. Dessa forma, a criação de novos grupos de pesquisas sobre o tema possibilitaria a construção de novos debates, pautas e projetos de ação para esses grupos.

Por fim, a partir desse trabalho, novos temas podem ser discutidos posteriormente. O primeiro deles se trata de uma possível formação da bancada das organizadas, em semelhança com a bancada da bola já existente, visto que cada vez mais os torcedores organizados estão observando nos cargos políticos uma oportunidade de ampliar as vozes e demandas das arquibancadas. Podemos citar de exemplo o caso do sociólogo Alex Minduim, integrante da Gaviões da Fiel e ex-presidente da Associação Nacional de Torcidas Organizadas, que se candidatou pelo Partido dos Trabalhadores para o cargo de Deputado Estadual de São Paulo, recebendo quase 7 mil votos. Esse movimento se encontra em ascensão, visto que cada vez mais os torcedores estão tomando consciência do poder de suas representações.

Outro ponto de debate é em relação às mulheres torcedores que se fazem presente nas arquibancadas desde os primórdios do futebol no país. Apesar de sua importância, acabaram tendo suas trajetórias apagadas, como pode ser observado pelas análises da revista Placar. Entender as razões desse acabamento histórico, perpassando por todas as barreiras que elas precisam romper para estarem nas arquibancadas, é essencial ao entendimento das torcedoras de hoje. Essas mulheres coletivamente formam novos grupos para lutar contra alguns problemas enfrentados por elas no ambiente das arquibancadas, como assédio e preconceito. Ao refazerem o gênero dentro das torcidas, essas mulheres buscam reafirmar os seus papéis no interior desse fenômeno social. Dessa forma, compreender a influência dessas mulheres dentro dos novos movimentos de torcedores pode ser observado como uma continuidade aos propósitos levantados por este trabalho.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, Angela. **As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate**. Lua Nova: Revista de cultura e política, p. 49-86, 2009.

ANDRADE, Hiram Augusto Moura de. **Entre futebol e política: a Torcida Jovem Fla.** 2020. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

ARAÚJO, Maria Helena. A Verde e Rosa é Rubro-Negra. **Placar**, edição nº 722. São Paulo: Editora Abril, 23 mar. 1984.

ARAÚJO, Maria Helena. Essa galera não joga, mas faz gol. **Placar**, edição nº 623. São Paulo: Editora Abril, 30 abr. 1982, p. 26.

BORBA, MARCO AURÉLIO. Abrindo o Jogo. **Placar**, edição nº 670. São Paulo: Editora Abril, 25 mar. 1983, p.28.

BRASIL, Lei 10.671/03. **Estatuto de Defesa do Torcedor**. Brasília, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.671.htm Acesso em: 10. out. 2022.

CABRAL, Sérgio. Torcidas Brasileiras, As Multidões Generosas. **Placar**, edição nº 571. São Paulo: Editora Abril, 24 abr. 1980, p. 30.

CAMISA 12. **Placar**, edição nº 357. São Paulo: Editora Abril, 1977.

CAMISA 12. **Placar**, edição nº 55. São Paulo: Editora Abril, 1971.

CAMISA 12. **Placar**, edição nº 589. São Paulo: Editora Abril, 589.

CAMISA 12. **Placar**, edição nº 700. São Paulo: Editora Abril, 1983.

CAMISA 12. **Placar**, edição nº359. São Paulo: Editora Abril, 1977.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. **Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão**.2010. 130 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) - Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2017.

CERREIA, Nathalia Borges. **As torcidas antifascistas no Brasil: um estudo sobre o ativismo online nas eleições presidenciais de 2018**. 2020. 116 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Programa de Pós Graduação em Ciência Política, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

COSTA CARVALHO, Milton. Sônia Braga: boa de bola, boa de tudo. **Placar**, edição nº 505. São Paulo: Editora Abril, 1979.

COUTINHO, Renato Soares. **Um Flamengo grande, um Brasil maior: o clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933-1955)**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2019.

DA CÂMARA TEIXEIRA, Rosana; DE HOLLANDA, Bernardo Buarque. Espetáculo futebolístico e associativismo torcedor no Brasil: desafios e perspectivas das entidades representativas de torcidas organizadas no futebol brasileiro contemporâneo. **Esporte e Sociedade**, n. 28, 2021.

DA MATTA, Roberto. **Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DA SILVA, Juliana Nascimento. “Uma torcida diferente” Raça Rubro-Negra e a ressignificação do torcer enquanto prática cultural (1977-1985). **Revista Cantareira**, n. 31, 2019.

DE HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988)**. 2008. 771 f. 2008. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

DE HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque; DA SILVA, Melba Fernanda. No tempo da Charanga. **Esporte e Sociedade**, n. 04, p.1-8, 2021.

DEMOCRACIA RUBRO NEGRA. Quem somos. 06. jun. 2020. Twitter: @DemocraciaNegra Disponível em: <https://twitter.com/DemocraciaNegra/status/1269198910037405696> Acesso em: 06. jun. 2023.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FLAMENGO DA GENTE. Twitter: @FlamengoDaGente, 2023. Disponível em: <https://twitter.com/FlamengodaGente> Acesso em: 06. jun. 2023.

GOMES, Christianne Luce. **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GOMES, Fred. Jayme de Carvalho é homenageado com placa após 40 anos de sua morte. **Globo Esporte**, 2008. Disponível em: http://glo.bo/1q5VaSB?utm_source=link&utm_medium=share-bar-desktop&utm_campaign=share-bar Acesso em: 11. out. 2022.

GOMES, Victor. **A militância político-torcedora no campo futebolístico brasileiro**. 2020. 139 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

GUIMARÃES, Matheus. Após reunião, organizadas do Rio podem voltar aos estádios nas próximas rodadas. **Terra**, 2022. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/apos-reuniao-organizadas-do-rio-podem-voltar-aos-estadios-nas-proximas-rodadas,bee1e0fc3cbd52b1a3bcc0cbbbee618bxt2cromy.html> Acesso em: 25. out. 2022.

GUTTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

KFOURI, Juca. Exaltação da Placar. **Placar**, edição nº 623. São Paulo: Editora Abril, 30 abr. 1982, p. 7.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. Em busca de informações. *In*: _____. **A construção do saber**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999, p. 165-195.

LEIFERT, Tiago. Evento esportivo não é lugar de manifestação política. **QG**, 26. fev. 2018. Opinião. Disponível em: <https://gq.globo.com/Colunas/Tiago-Leifert/noticia/2018/02/evento-esportivo-nao-e-lugar-de-manifestacao-politica.html> Acesso em: 02. jun. 2023.

LOPES, Felipe Tavares Paes. Ativismo no futebol e estudos críticos: um ensaio sobre coletivos de torcedores. **MOTRICIDADES: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana**, v. 7, n. 1, p. 57-66, 2023.

LOPES, Felipe Tavares Paes; CORDEIRO, Mariana Prioli. Torcidas organizadas do futebol brasileiro: singularidades e semelhanças com outros grupos de torcedores da América do Sul e da Europa. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 9, n. 104, p. 75-83, 2010.

MACHADO, Jorge Alberto S. Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais. **Sociologias**, p. 248-285, 2007.

MASSÉ. Átila, o Rei dos Uno. **Placar**, edição nº987. São Paulo: Editora Abril, 19 maio. 1989.

MATOS, José Edgar. Flamengo segue líder em nova pesquisa sobre tamanho das torcidas. **GE**, 14 jun. 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/futebol/noticia/2022/06/14/flamengo-segue-lider-em-nova-pesquisa-sobre-tamanho-das-torcidas-veja-ranking.ghtml> Acesso em: 20 jul. 2022.

MELUCCI, Alberto. Um objetivo para os movimentos sociais?. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, p. 49-66, 1989.

ORGANIZADAS BRASIL, **Torcendo pela Paz nos estádios**. Torcida Jovem do Flamengo. Disponível em: <http://www.organizadasbrasil.com/torcida/TORCIDA-JOVEM-DO-FLAMENGO-13.html> Acesso em: 14. out. 2022.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Violência entre torcidas organizadas de futebol. **São Paulo em perspectiva**, v. 14, p. 122-128, 2000.

PLACAR, edição nº 1088. São Paulo: Editora Abril, 1993.

PLACAR, edição nº 1107. São Paulo: Editora Abril, 1995.

PLACAR, edição nº 1109. São Paulo: Editora Abril, 1995.

PLACAR, edição nº 715. São Paulo: Editora Abril, 1984.

PLACAR, edição nº 726. São Paulo: Editora Abril, 1984.

PLACAR, edição nº 748. São Paulo: Editora Abril, 1984.

PLACAR, edição nº 749. São Paulo: Editora Abril, 1984.

PLACAR, edição nº 799. São Paulo: Editora Abril, 1985.

PLACAR, edição nº 965. São Paulo: Editora Abril, 1988.

POMPEU, Renato. Abrindo o jogo. **Placar**, nº 646. São Paulo: Editora Abril, 8 out. 1982, p. 33.

PULMÃO DA ARQUIBANCADA. Direção: Marcel Costa, Pedro Von Krüker de Freitas. Brasil. Condomínio Filmes, Filmes do Bem, 2012.

RAÇA RUBRO-NEGRA. Twitter: @rrn_oficial, 2023. Disponível em: https://twitter.com/rrn_oficial Acesso em: 06. jun. 2023.

REZENDE, Marcelo. Ascensão e Festa do Super Mengão. **Placar**, edição nº 536. São Paulo: Editora Abril, 08 ago. 1980, p. 8.

REZENDE, Marcelo. Cinco duelos e uma paixão. **Placar**, nº 610. São Paulo: Editora Abril, 29 jun. 1982, p. 10.

REZENDE, Marcelo. Esse feitiço chamado Flamengo. **Placar**, nº 603. São Paulo: Editora Abril, 4 dez. 1981, p. 20.

ROCCO JUNIOR, Ary José; BELMONTE, Wagner Barge. Da informação ao entretenimento: análise do jornalismo esportivo brasileiro pela trajetória histórica da revista Placar. In: **Anais do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**, p.1-15, 2014.

SALDANHA, João. Seleção permanente ou ideal? **Placar**, edição nº 474. São Paulo: Editora Abril, 24 jun. 1979, p. 40.

SANTOS, Irlan Simões. **Novas culturas torcedoras: das arenas do futebol-negócio à resistência nas arquibancadas e redes**. 2017. 246 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SAPIA, Jorge Edgardo; DE MOURA ESTEVÃO, Andréa Almeida. Considerações a respeito da retomada carnavalesca: o carnaval de rua no Rio de Janeiro. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, v. 9, n. 1, 2012.

SARTORI, Caio. Democracia rubro-negra: quando a torcida do Flamengo gritou Diretas Já. **Ludopédio**, São Paulo, v. 125, n. 30, 2019. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/democracia-rubro-negra-quando-a-torcida-do-flamengo-gritou-diretas-ja/> Acesso em: 02. jun. 2023.

SAWICKI, Frédéric; SIMÉANT, Johanna. Inventário da sociologia do engajamento militante: nota crítica sobre algumas tendências recentes dos trabalhos franceses. **Sociologias**, v. 13, p. 200-255, 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Modalidades e metodologias de pesquisa científica. In: _____. **Metodologia do trabalho científico**. Cortez editora, 2017, p. 108-109.

SOUSA, Cleyton Batista; DE LACERDA ABRAHÃO, Bruno Otávio. Estudos sobre os torcedores de futebol: uma revisão sistemática. **FuLiA/UFMG**, v. 7, n. 1, p. 82-102, 2022.

TORCIDA JOVEM FLA. Twitter: @tjf_oficial, 2023. Disponível em: https://twitter.com/tjf_oficial Acesso em: 06. jun. 2023.

VALE TUDO. **Placar**, edição nº 975. São Paulo: Editora Abril, 1989.

ANEXO A - ROTEIRO DE ENTREVISTA REALIZADA COM OS TORCEDORES

. Nome Completo:

. Cidade:

. Idade:

. Formação:

. Profissão atual:

. Membro desde:

1. Qual foi sua motivação para ingressar no movimento?
2. Como você compreende a relação entre democracia e o movimento de torcedores do Flamengo?
3. Existe hierarquia dentro do movimento?
4. Quais as principais bandeiras do movimento?
5. Quais as principais ferramentas de engajamento e luta política?
6. Como o movimento lida com a marginalização dos torcedores?
7. Qual a importância do passado para compreender as lutas que as torcidas organizadas/movimento de torcedores estão envolvidos nos dias atuais?
8. Como é a relação do movimento com a diretoria do Flamengo?
9. Qual a diferença entre esse movimento e as torcidas organizadas? Você possui alguma relação com as TOs?
10. Para você, os movimentos de torcedores se assemelham aos movimentos sociais? Se sim, de quais formas?